

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LETICIA PRESOTTO

METÁFORAS NO PORTUGUÊS ACADÊMICO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Porto Alegre

2016

LETICIA PRESOTTO

METÁFORAS NO PORTUGUÊS ACADÊMICO

Dissertação apresentada como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Karina Veronica Molsing

Porto Alegre

2016

LETICIA PRESOTTO

METÁFORAS NO PORTUGUÊS ACADÊMICO

Dissertação apresentada como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA:

Dr. Karina Veronica Molsing – Presidente (PUCRS)

Dr. Rosângela Gabriel (UNISC)

Dr. Maity Simone Guerreiro Siqueira (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que, de alguma maneira, participaram desta etapa tão importante da minha vida profissional:

À minha família, por todo amor, incentivo e suporte em toda essa caminhada; especialmente aos meus pais, Pedro e Deonila, que sempre acreditaram no meu sucesso e por serem exemplo de pessoa para mim, e aos meus irmãos, Luciano e Tiago, por estarem sempre ao meu lado, em todas as situações da minha vida.

À minha orientadora, Prof. Dr. Karina Veronica Molsing, por ter contribuído desde o começo da pesquisa, com sugestões e ideias essenciais para o desenvolvimento desta dissertação, bem como com críticas relevantes até a versão final deste trabalho. Obrigada pela dedicação e paciência que tiveste comigo.

À minha amiga Claudia Strey, que esteve sempre presente em todos os momentos, nos mais difíceis e nos mais alegres, dando apoio emocional e teórico. Obrigada pelas muitas conversas, tanto sobre teorias quanto sobre a vida, ao longo desse trajeto.

Ao grupo Marrown (Bruna, Claudia e Paulo), pelos congressos, pelas viagens, risadas, conversas, trocas de ideias. Esses dois anos foram muito melhores com a presença de vocês.

A todos os meus amigos que me apoiaram e me incentivaram em todos os momentos dessa caminhada.

Ao apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão da bolsa que possibilitou a realização deste trabalho com dedicação exclusiva.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por ter me proporcionado desenvolvimento pessoal e profissional desde a graduação.

De nuestros miedos nacen nuestros corajes y en nuestras dudas viven nuestras certezas. Los sueños anuncian otra realidad posible y los delirios otra razón. En los extravíos nos esperan hallazgos, porque es preciso perderse para volver a encontrarse.

(Eduardo Galeano)

RESUMO

O presente trabalho propõe analisar e discutir o uso de metáforas no português acadêmico da graduação, assumindo que o sistema conceitual do ser humano é fundamentalmente metafórico por natureza (Lakoff & Johnson, 1980). Segundo Herrmann (2013), a metáfora desempenha um papel crucial no discurso acadêmico e tem alimentado discussões acadêmicas. Nas últimas décadas, o fenômeno da metáfora passou a ser abordado a partir de diversas perspectivas, como da Linguística, Psicologia, Antropologia, Ciências da Computação e suas interfaces. A fim de abordar a questão no português acadêmico e promover uma caracterização para esse tipo de discurso, bem como auxiliar alunos brasileiros e estrangeiros no que se refere ao ensino e aprendizagem de língua portuguesa, analisamos um corpus constituído por artigos acadêmicos publicados por alunos de graduação (falantes nativos do português brasileiro) de uma universidade privada do Brasil das áreas da Comunicação e das Ciências da Computação. A partir da análise do corpus, observou-se que as áreas estudadas parecem utilizar as metáforas de forma diferenciada, apresentando características distintas em cada uma delas.

Palavras-chave: metáfora conceptual – português acadêmico – discurso acadêmico – análise de corpus

ABSTRACT

This study aims to analyze and discuss the use of metaphors in undergraduate academic Portuguese, assuming that the conceptual system of the human being is fundamentally metaphorical in nature (Lakoff & Johnson, 1980). According to Herrmann (2013), metaphor plays a crucial role in academic discourse and it has been discussed in the academic environment. In the last decades, different perspectives have been studied metaphor phenomenon, like Linguistics, Psychology, Anthropology, Computer Science and their interfaces. In order to address the issue in academic Portuguese and promote a characterization of this type of genre, as well as assist Brazilian and foreign students in relation to education and Portuguese language learning, we analyzed a corpus consisting of academic articles published by undergraduate students (native speakers of Brazilian Portuguese) from a private university of Brazil. These articles were chosen from two different academic areas: Communication and Computer Science. From the corpus analysis, we could observe that the areas studied seem to use metaphors in different ways, with different characteristics in each of them.

Key-words: conceptual metaphor – academic Portuguese – academic discourse – corpus analysis

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Descrição das duas áreas do corpus – Comunicação e Informática – em <i>types</i> e <i>tokens</i>	34
Tabela 2: Relação das ocorrências de diferentes metáforas conceptuais presentes no corpus.....	40
Tabela 3: Ocorrências das expressões metafóricas relativas à metáfora conceptual ENTENDER É VER nas áreas da Comunicação e da Informática	41
Tabela 4: Ocorrências das metáforas conceptuais TEORIAS SÃO PRÉDIOS e TEORIAS SÃO TECIDOS nas áreas da Comunicação e da Informática	46
Tabela 5: Ocorrências das possíveis metáforas conceptuais derivadas de X É PRÉDIO encontradas na Comunicação	48
Tabela 6: Ocorrências das possíveis metáforas conceptuais derivadas de X É SER HUMANO encontradas na Comunicação e na Informática.....	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A METÁFORA E AS SUAS RELAÇÕES	12
2.1 A TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL	12
2.2 DISCURSO ACADÊMICO	20
2.2.1 Discurso acadêmico e metáfora.....	23
2.2.2 Metáfora no discurso acadêmico do português brasileiro	25
2.3 METÁFORA E LINGUÍSTICA DE CORPUS	28
3 METODOLOGIA.....	33
3.1 APRESENTAÇÃO DO CORPUS	34
3.2 MÉTODO DE ANÁLISE DAS METÁFORAS DO CORPUS	35
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	40
4.1 ANÁLISE DOS DADOS	40
4.2 DISCUSSÃO DOS DADOS ANALISADOS	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno da metáfora tem alimentado discussões acadêmicas em diversas áreas e, nas últimas décadas, começou a ser abordado a partir de diferentes perspectivas, como da Linguística, da Psicologia, da Antropologia, das Ciências da Computação e suas interfaces. Como alguns estudos e pesquisas têm demonstrado (Stefanowitsch & Gries, 2006; Littlemore & Low, 2006; Herrmann, 2013; Gianonni, 2009, Gibbs, 2008), hoje é amplamente assumido que a metáfora desempenha um papel crucial no discurso acadêmico. Especialmente no discurso acadêmico de língua portuguesa, as pesquisas sobre metáforas ainda são bem reduzidas, fazendo-se, nesse sentido, importante um estudo que investigue o uso de metáforas nesse tipo de gênero específico. Considerando esse panorama, o presente trabalho visa a analisar as metáforas no discurso acadêmico do português brasileiro, com o objetivo de caracterizar esse discurso¹, bem como auxiliar alunos brasileiros e estrangeiros, estes que, cada vez mais, procuram o Brasil para realizar seus estudos de graduação e de pós-graduação.

Este estudo faz parte do grupo de pesquisa UPLA – Uso e Processamento de Língua Adicional, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o qual tem como foco o português brasileiro acadêmico, bem como línguas adicionais na área acadêmica. A fim de analisar padrões de linguagem utilizados para fins acadêmicos no português brasileiro, o UPLA trabalha com corpus escrito e oral, compilados a partir de produções de estudantes e de professores universitários falantes de português brasileiro. Mais especificamente, o corpus escrito utilizado nesta pesquisa é constituído por trabalhos de conclusão de curso publicados por alunos de graduação da PUCRS em uma revista dessa mesma universidade, que divulga os trabalhos tidos como destaque. A compilação do corpus, realizada pelos pesquisadores do grupo, se deu entre os anos de 2012 a 2015, englobando as seguintes áreas:

1. Ciências Exatas e da Terra
2. Ciências Biológicas
3. Engenharias
4. Ciências da Saúde
5. Ciências Sociais Aplicadas

¹ Como o corpus analisado compreende apenas o discurso acadêmico da graduação das áreas da Comunicação e da Informática, pretende-se, neste trabalho, caracterizar um recorte do discurso acadêmico.

6. Ciências Humanas

7. Linguística, Letras e Artes

Neste trabalho, escolheu-se trabalhar com duas áreas distintas: a Faculdade de Comunicação, pertencente às Ciências Humanas; e a Faculdade de Informática, das Ciências Exatas.

Com base em Hyland & Bondi (2006) – os quais afirmam que a escrita acadêmica, em relação às diversas disciplinas existentes, apresenta características específicas e diferenças quando essas disciplinas são comparadas –, tem-se a hipótese geral de que a área das Ciências Humanas e a das Ciências Exatas abordam metáfora de forma diferenciada, sendo, que (a) as Ciências Humanas parecem utilizar as metáforas de forma mais frequente do que as Ciências Exatas, bem como (b) utilizar mais tipos diferentes de expressões metafóricas. Para verificar tais hipóteses, analisar-se-á o corpus, já mencionado anteriormente, composto por trabalhos de conclusão de curso considerados destaque da Faculdade de Comunicação e de Informática, fundamentando-se teoricamente na Linguística Cognitiva, mais especificamente na Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff & Johnson (1980). Esta pesquisa poderá ajudar a compreender como os alunos de graduação utilizam as metáforas no discurso acadêmico e como isso faz parte da sua produção.

O objetivo geral deste trabalho é investigar a ocorrência de metáforas no discurso acadêmico do português brasileiro, conferindo como se dá essa ocorrência no nível do discurso da graduação, especificamente nas áreas de Comunicação e Informática. Como objetivos específicos, temos os seguintes:

1. Identificar metáforas na escrita acadêmica, diferenciando-as em cada área a ser analisada;
2. Comparar o uso de metáforas em cada área analisada, verificando se há diferenças de frequência e tipos de expressões metafóricas utilizadas;
3. Analisar o grau de metaforicidade das expressões pesquisadas em cada área.

Para tanto, as metáforas encontradas no corpus serão analisadas em termos de seu grau de metaforicidade, como um *continuum* de significado.

O presente estudo estrutura-se da seguinte forma: o capítulo a seguir, intitulado de *Fundamentação teórica: a metáfora e suas relações*, dedica-se à apresentação da Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff & Johnson (1980), a qual embasa este trabalho. Depois, apresentam-se e discutem-se características do discurso acadêmico, que também será

relacionado ao estudo de metáforas, seguido da Linguística de Corpus e a sua ligação com a metáfora. No final desse capítulo, apresentam-se alguns estudos já realizados com metáforas no discurso acadêmico do português brasileiro, que é o foco desta pesquisa. O terceiro capítulo é destinado à apresentação da metodologia do trabalho, a qual se dá pela Linguística de Corpus. No quarto capítulo, proceder-se-á com a análise e discussão dos dados, verificando se as hipóteses da pesquisa foram corroboradas. Por fim, no quinto capítulo, serão apresentadas as considerações finais e as possíveis repercussões para a área do português acadêmico e para futuras pesquisas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A METÁFORA E AS SUAS RELAÇÕES

Como a metáfora tem sido abordada por diferentes perspectivas, conforme visto na introdução deste trabalho, este capítulo destina-se a apresentar o referencial teórico desta pesquisa e as relações da metáfora relevantes para este estudo.

2.1 A TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL

Em 1980, com a obra *Metaphors we live by*, de Lakoff & Johnson (1980), a metáfora começou a ser entendida como um fenômeno do pensamento, e não mais somente ligada à linguagem, já que, para os autores, a metáfora não seria somente palavras com significados diferentes do convencional, mas uma ligação entre dois conceitos – o que faz parte do sistema cognitivo humano. A metáfora, a partir desse momento, não é mais vista somente como um fenômeno linguístico, mas é tida como algo que está presente no dia a dia, por meio dos pensamentos e das ações, o que implica o fato de que o sistema conceitual do ser humano é fundamentalmente metafórico por natureza, ou seja, é uma forma de conceptualizar o mundo inerente ao pensamento humano. Nesse sentido, “a metáfora deixou de ser uma figura de linguagem para ser um processo estruturador do pensamento” (BERBER SARDINHA, 2007a, p.169). De acordo com Fichtner (1999, p.315),

Metaphors are fundamental for our conception of reality in general. We structure the various ranges of our experiences in a systematic manner with the use of metaphors. With the metaphor, we construct ideas as “visual images” that create manifold relationships between very different and contradictory spheres, phenomena, as process, and form these into a coherent system.²

Nesse trecho, percebemos que Fichtner ressalta a importância das metáforas para a concepção atual da realidade, mencionando que, com o uso na metáfora, conseguimos estruturar as nossas experiências em um modo sistemático.

Atualmente, as metáforas são estudadas por meio de abordagens e teorias diferenciadas; no entanto, escolheu-se, nesta pesquisa, valer-se da Teoria da Metáfora

² Em português: Metáforas são fundamentais para a nossa concepção da realidade em geral. Estrutturamos nossas experiências de forma sistemática com o uso de metáforas. Com a metáfora, podemos construir ideias como “imagens visuais” que criam múltiplas relações entre esferas e fenômenos diferentes e contraditórios, como processo, formando um sistema coerente. (Tradução nossa)

Conceptual para fundamentar o estudo, a qual tem sido desenvolvida e articulada pelos próprios autores e por muitos outros pesquisadores, tais como Kövecses (2010), Gibbs (2008), Low (2008), Littlemore e Low (2006), etc.

Berber Sardinha (2007a) afirma que a partir do título da obra de Lakoff & Johnson, é possível perceber o ponto principal da teoria:

[...] vivemos de acordo com as metáforas que existem na nossa cultura; praticamente não temos escolha: se quisermos fazer parte da sociedade, interagir, ser entendidos, entender o mundo, etc., precisamos seguir as metáforas que a nossa cultura nos coloca à disposição. (p.170)

Para a Teoria da Metáfora Conceptual, a metáfora é compreendida através do mapeamento entre conceitos abstratos em relação a conceitos mais concretos, ocorrendo a partir de dois domínios: o domínio-fonte e o domínio-alvo. O domínio-fonte se caracteriza por ser mais concreto e experiencial, já o domínio-alvo é de natureza abstrata. O primeiro é aquele em que construímos expressões metafóricas a partir das quais entendemos outro domínio conceptual; enquanto o segundo é aquele compreendido dessa forma. Ou seja, o domínio-alvo é aquele que tentamos entender por meio do uso do domínio-fonte. Um domínio conceptual, de acordo com KÖVECSES (2010), significa uma organização coerente de experiência, isto é, as pessoas têm um conhecimento coerentemente organizado sobre um domínio, no qual se baseiam para entender outro domínio. A metáfora conceptual é uma forma de conceptualizar um domínio de experiência (geralmente, abstrato) em termos de um domínio mais concreto (LAKOFF & JOHNSON, 1980; GIBBS, 2008; KÖVECSES, 2010).

Nesse sentido, Lakoff (1993) propõe o Princípio da Invariabilidade, o qual diz que o domínio-fonte projeta padrões de inferências sobre o domínio-alvo, garantindo que o mapeamento aconteça de forma coerente e consistente:

Metaphorical mappings preserve the cognitive topology (that is, the image schema structure) of the source domain, in a way consistent with the inherent structure of the target domain. (p.212)³

O autor ainda afirma que a estrutura do esquema de imagem do domínio-alvo limita as possibilidades de mapeamento. Por exemplo, na metáfora AMOR É UMA VIAGEM⁴, a estrutura de amor limita as inferências que podem ser feitas a partir do domínio-fonte (viagem).

³ Mapeamentos metafóricos preservam a topologia cognitiva (a estrutura do esquema de imagem) do domínio-fonte, de uma maneira consistente com a estrutura intrínseca do domínio-alvo. (Tradução nossa)

⁴ Usa-se caixa alta para identificar metáforas conceptuais.

De acordo com Lakoff & Turner (1989), os domínios conceptuais são representações mentais ricas: são partes do nosso conhecimento de mundo que se relacionam com experiências particulares ou fenômenos e podem incluir elementos, relações e padrões de inferências.

Segundo Lakoff & Johnson (2003), as metáforas estão ligadas ao nosso pensamento e linguagem: “Conceptual metaphor is a natural part of human thought, and linguistic metaphor is a natural part of human language”⁵ (p.247). De acordo com os autores, a metáfora conceptual se distingue da metáfora linguística de modo que a primeira se refere ao nível abstrato do sistema conceitual, e a segunda, ao nível concreto da expressão linguística. Kövecses (2010) ressalta que as expressões linguísticas explicitam as metáforas conceptuais, e as expressões linguísticas (ou metáforas linguísticas) são a forma como as metáforas conceptuais se tornam manifestas. Isto é, são as expressões linguísticas metafóricas que revelam a existência das metáforas conceptuais. A terminologia de um domínio-fonte que é utilizada no processo da metáfora é um tipo de evidência da existência de metáforas conceptuais.

Para compreender melhor essa diferenciação entre metáfora conceptual e linguística, bem como alguns conceitos da teoria a serem abordados, apresentam-se alguns exemplos clássicos de metáforas conceptuais e metáforas linguísticas (LAKOFF & JOHNSON, 1980; KÖVECSES, 2010):

AN ARGUMENT IS WAR⁶

Your claims are *indefensible*.⁷

He *attacked every weak point* in my argument.

His criticisms were *right on target*.

I *demolished* his argument.

I've never *won* an argument with him.

You disagree? Okay, *shoot!*

If you use that *strategy*, he'll *wipe you out*.

He *shot down* all of my arguments.

⁵ A metáfora conceptual é uma parte natural do pensamento humano, e a metáfora linguística é uma parte natural da linguagem. (Tradução nossa)

⁶ ARGUMENTO É GUERRA

Suas reivindicações são indefensáveis.

Ele atacou todos os pontos fracos no meu argumento.

Suas críticas foram direto no alvo.

Eu destruí o seu argumento.

Eu nunca ganhei uma discussão dele.

Você discorda? Ok, atire!

Se você usar essa estratégia, ele vai acabar com você.

Ele derrubou todos os meus argumentos. (Tradução nossa)

⁷ Usar-se-á itálico para identificar expressões linguísticas metafóricas.

THEORIES ARE BUILDINGS⁸

Is that the *foundation* for your theory?

The theory needs more *support*.

We need *to construct* a *strong* argument for that.

We need *to buttress* the theory with *solid* arguments.

The theory will *stand or fall* on the *strength* of that argument.

So far we have *put together* only the *framework* of the theory.

Segundo Lakoff & Turner (1989), as metáforas são convencionais quando estão estabelecidas em nossa experiência diária, sendo utilizadas automaticamente e sem esforço, como os exemplos das metáforas conceituais AN ARGUMENT IS WAR e THEORIES ARE BUILDINGS e suas expressões linguísticas. Do mesmo modo, Kövecses (2010) reitera a posição de Lakoff & Turner a respeito da convencionalidade de uma metáfora, pois afirma que tanto as metáforas linguísticas quanto as conceituais são convencionais quando estão fortemente estabelecidas em uma comunidade linguística. Kövecses (2010) também discorre sobre as metáforas criativas ou novas, as quais são criadas pelos falantes a partir de metáforas convencionais. E o autor afirma que essa habilidade de criação dos falantes não está só restrita à linguagem poética, mas sim a diversos tipos de gêneros.

A respeito das referências de ambos os domínios, Kövecses (2010) afirma que os conceitos do domínio-fonte normalmente são relacionados a CORPO HUMANO, ANIMAIS, PLANTAS, COMIDA e FORÇAS, e os conceitos do domínio-alvo ligam-se à EMOÇÃO, à MORAL, ao PENSAMENTO, a RELACIONAMENTOS HUMANOS e a TEMPO. Tal explicação esclarece o fato de os conceitos-alvo serem mais abstratos e os conceitos-fonte serem baseados na experiência física. Os teóricos da metáfora conceptual enfatizam que os domínios-alvo correspondem tipicamente a áreas de experiência que são relativamente abstratas, complexas e subjetivas ou não delineadas, como tempo, emoção, vida ou morte. Por outro lado, os domínios-fonte correspondem normalmente a experiências concretas, familiares,

⁸ TEORIAS SÃO PRÉDIOS

Essa é a base para a sua teoria?

A teoria precisa de mais apoio.

Precisamos construir um forte argumento para isso.

Precisamos reforçar a teoria com argumentos sólidos.

A teoria vai permanecer ou cair com a força desse argumento.

Até agora temos somente a estrutura da teoria. (Tradução nossa)

físicas e bem-delineadas, como movimento, fenômenos corporais, objetos, etc. (LITTLEMORE & LOW, 2006).

De acordo com a Teoria da Metáfora Conceptual, existem três tipos de metáforas: as estruturais, as orientacionais e as ontológicas. Nos três tipos de metáfora, o mapeamento ocorre entre dois conceitos, e não entre as palavras que representam esse mapeamento, já que a metáfora não está só na língua, mas na cognição humana. Além disso, as relações existentes no mapeamento não possuem um padrão fixo de correspondências conceituais, mas uma aberta possibilidade de correspondências potenciais dentro desses padrões (LAKOFF, 1993).

As metáforas estruturais são aquelas cujos conceitos são estruturados um em relação ao outro; elas permitem que façamos mais que orientar conceitos, referi-los ou quantificá-los, por exemplo. A função cognitiva da metáfora estrutural é permitir uma compreensão do domínio-alvo através do domínio-fonte, que é estruturado e definido em relação ao primeiro.

Um exemplo clássico de metáfora estrutural é LOVE IS A JOURNEY. Essa metáfora conceptual está presente em todos os enunciados apresentados em sua sequência – expressões linguísticas metafóricas –, pois todos, de alguma forma, se relacionam a conceitos concretos de viagem e a conceitos abstratos sobre o amor. O mapeamento dessa metáfora proposto por Lakoff (1993, p.207) seria:

THE LOVE-AS-A-JOURNEY MAPPING⁹

The lovers correspond to travelers.

The love relationship corresponds to the vehicle.

The lovers' common goals correspond to their common destinations on the journey.

Difficulties in the relationship correspond to impediments to travel.

É interessante esclarecer, aqui, que o mapeamento de metáforas é uma série de correspondências sistemáticas entre o domínio-fonte e o alvo, no sentido de que elementos conceituais do domínio-fonte correspondem a elementos do domínio-alvo (LAKOFF & JOHNSON, 1980; KÖVECSES, 2010).

As metáforas orientacionais são relacionadas à orientação espacial: DENTRO-FORA, ALTO-BAIXO, FRENTE-TRÁS, LIGADO-DESLIGADO, PROFUNDO-RASO, etc. Para

⁹ MAPEAMENTO DE O AMOR É UMA VIAGEM

Os amantes correspondem aos viajantes.

O relacionamento amoroso corresponde ao veículo.

Os objetivos comuns dos amantes correspondem aos destinos comuns numa viagem.

As dificuldades num relacionamento correspondem aos impedimentos para viajar.

Lakoff & Johnson (1980, p.14): “*These spatial orientations arise from the fact that we have bodies of the sort we have and that they function as they do in our physical environment.*”¹⁰

Um exemplo clássico é a metáfora HAPPY IS UP¹¹: o fato de estar feliz ser orientado para cima leva a expressões como: “estou me sentido *nas alturas* hoje.” Outros exemplos são GOOD IS UP¹², BAD IS DOWN¹³, entre outros.

As metáforas ontológicas são, também, baseadas nas nossas experiências, mas em relação a outros objetos físicos e ao nosso corpo. Segundo Lakoff & Johnson (1980), as metáforas ontológicas referem-se ao fato de podermos compreender nossas experiências em termos de objetos e substâncias, selecionando partes delas e tratando-as como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme, como no exemplo a seguir: INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE – o que pode ser subtraído das expressões *precisamos combater a inflação, a inflação está nos colocando em um beco sem saída*, entre outras. De acordo com Kövecses (2010), as pessoas concebem suas experiências em termos de objetos, substâncias, e recipientes, em geral, sem especificar exatamente a que tipos de objeto, substância ou recipiente está sendo significado (p. 34).

De acordo com Lakoff & Johnson (1980, p.25),

Our experiences with physical objects (especially our own bodies) provide the basis for an extraordinarily wide variety of ontological metaphors, that is, ways of viewing events, activities, emotions, ideas, etc., as entities and substances. Understanding our experiences in terms of objects and substances allow us to pick out parts of our experience and treat them as discrete entities or substances of a uniform kind. Once we can identify our experiences as entities or substances, we can refer to them, categorize them, and quantify them – and, by this means, reason about them.¹⁴

Assim, a personificação é classificada como uma metáfora ontológica, em que entidades abstratas são caracterizadas como seres humanos. Os seguintes exemplos explicitam esse tipo de metáfora:

¹⁰ Estas orientações espaciais surgem do fato de que temos um corpo do tipo que temos e que ele funciona assim em nosso ambiente físico. (Tradução nossa)

¹¹ FELIZ É PARA CIMA.

¹² BOM É PARA CIMA.

¹³ RUIM É PARA BAIXO.

¹⁴ Nossas experiências com objetos físicos (especialmente os nossos próprios corpos) fornecem a base para uma grande variedade de metáforas ontológicas, ou seja, formas de visualização de eventos, atividades, emoções, ideias, etc., como entidades e substâncias. Compreender as nossas experiências em termos de objetos e substâncias nos permite escolher partes de nossa experiência e tratá-las como entidades discretas ou substâncias do tipo uniforme. Uma vez que podemos identificar nossas experiências como entidades ou substâncias, podemos nos referir a elas, categorizá-las e quantificá-las - e, assim, racionalizar sobre elas. (Tradução nossa)

- a) His *theory explained* to me the behavior of chicken raised factories.¹⁵
- b) This *fact argues* against the standard theories.
- c) *Life has cheated* me.
- d) His *religion tells* him that he cannot drink fine French wines.
- e) *Inflation has attacked* the foundation of our economy.¹⁶

Nos exemplos *a, b, c, d e e*, podemos perceber que as expressões em itálico são personificações, visto que as entidades abstratas, como ‘teorias’, ‘fatos’, ‘vida’, ‘religião’ e ‘inflação’, são caracterizadas como seres humanos, visto que estão relacionadas com ações praticadas por pessoas, como ‘explicar’, ‘argumentar’, ‘trair’, ‘dizer’, ‘atacar’.

Mesmo inicialmente havendo essa distinção dos três tipos de metáforas, no Prefácio da Edição de 2003 da obra *Metaphors we live by*, os autores argumentam que a classificação das metáforas na tipologia das três categorias – estrutural, ontológica e orientacional – é bastante artificial, já que todas podem ser relacionadas entre elas:

The division of metaphors into three types – orientational, ontological, and structural – was artificial. All metaphors are structural (in that they map structures to structures); all are ontological (in that they create target domain entities); and many are orientational (in that they map orientational image-schemas)¹⁷. (p.264)

Por esse motivo, não iremos ser tão rígidos na questão da distinção dos tipos de metáforas na análise dos dados deste trabalho, visto que muitas metáforas compartilham características das três tipologias.

Outro aspecto relevante na Teoria da Metáfora Conceptual é em relação à cultura. Como já mencionado por Berber Sardinha (2007a) na página 12 deste trabalho, vivemos de acordo com as metáforas que existem na nossa cultura, e, ainda de acordo com o autor, as metáforas conceptuais são relativas a uma dada cultura e resultantes de mapeamentos relevantes para certas civilizações ou ideologias. Sobre esse aspecto, Lakoff & Johnson (1980) atribuem grande parte da sistematicidade que se expressa no sentido metafórico como um reflexo das

¹⁵ a) Sua teoria me explicou o comportamento das fábricas de criação de galinha.

b) Esse fato argumenta contra as teorias padrão.

c) A vida tem me enganado.

d) A religião dele diz que ele não pode beber vinhos franceses finos.

e) A inflação atacou a base da nossa economia. (Tradução nossa)

¹⁶ Exemplos de Lakoff & Johnson (1980).

¹⁷ A divisão de metáforas em três tipos - orientacional, ontológicas e estruturais - foi artificial. Todas as metáforas são estruturais (no sentido de que elas mapeiam estruturas para estruturas); todos são ontológicas (no sentido de que elas criam entidades de domínio-alvo); e muitas são orientacionais (em que elas mapeiam esquemas de imagem orientacionais) (Tradução nossa).

experiências culturais pelas quais se representa a realidade. Nesse sentido, uma metáfora utilizada em dada língua por uma comunidade específica de indivíduos seria uma manifestação da competência e representação de uma realidade que está invariavelmente impregnada de valores culturais. Para os autores, as metáforas estão presentes na vida cotidiana com base na experiência, por isso o termo ‘experencialismo’.

De acordo com Steen & Gibbs (1999), na Linguística Cognitiva, a relação entre linguagem e pensamento é a ideia de que a metáfora precisa de uma base, a qual não reside na linguagem como um sistema abstrato de símbolos e regras. Em vez disso, a metáfora é uma parte significativa de sistemas conceituais do cotidiano das pessoas. Tal fato pode ser relacionado com a cultura. Segundo Siqueira et al. (2009), o modo como estruturamos nosso pensamento e conhecimento não se organiza de uma forma muito evidente, e um meio de estudarmos isso é através da linguagem, visto que uma das evidências de como nosso sistema conceptual se estrutura é dada pelo uso de metáforas na linguagem do dia a dia. Isso implica no fato de a cultura estar envolvida nesse processo, já que pensamos e conceituamos metaforicamente no nosso cotidiano.

Além disso, Siqueira et al. (2009) postulam que a maneira como as metáforas são elaboradas e formuladas relaciona-se com o sistema conceptual das pessoas, incluindo toda a sua herança cultural, baseada nas experiências vividas. Nesse sentido, tal fato é um dos motivos pelo qual as metáforas são compreendidas de forma diferente em algumas culturas. Ainda, segundo Steen & Gibbs (1999), os linguistas cognitivos precisam ser cuidadosos no sentido de não assumir imediatamente que resultados de suas verificações sistemáticas da língua impliquem que cada pessoa, individualmente, tenha todas as metáforas conceptuais descobertas pela análise linguística. Assim como Siqueira et al., os autores afirmam que nem toda pessoa possui a mesma metáfora conceptual no mesmo grau de elaboração como é sugerido por certas análises. Eles sugerem que falantes e ouvintes “comuns” podem se contentar com representações incompletas e parciais de conceitos metafóricos compartilhados de forma linguística e cultural.

A Teoria da Metáfora Conceptual já foi aplicada em diversos estudos, tendo como foco diferentes áreas, como literatura (SEMINO & STEEN, 2008), educação (LOW, 2008), emoções (KÖVECSSES, 2008), arte (KENNEDY, 2008), música (ZBIKOWSKI, 2008), gestos (ZHAO, 2009; CIENKI & MÜLLER, 2008), aquisição de primeira língua (SIQUEIRA & LAMPRECHT, 2007), discurso acadêmico da língua inglesa (HERRMANN, 2013; GIANONNI, 2009), entre outras. Considerando essas pesquisas e o fato de as metáforas estarem presentes no dia a dia dos indivíduos, estudos linguísticos sugerem que o uso da linguagem

metafórica é pervasivo na linguagem natural em diferentes áreas do discurso, inclusive no discurso acadêmico (HERRMANN, 2013). Assim, a próxima seção destina-se a apresentar aspectos sobre o discurso acadêmico, bem como a sua relação com a metáfora.

2.2 DISCURSO ACADÊMICO

Segundo Biber et al. (1999), o objetivo primário da escrita acadêmica é facilitar a veiculação de informações detalhadas e precisas, bem como de argumentos e explicações. De acordo com Herrmann (2013), os gêneros acadêmicos escritos são artigos, resumos de congressos, ensaios de graduação, cartas de apresentação, resenhas de livros, teses, dissertações, livros didáticos, por exemplo, e uma característica central deles é o fato de serem baseados em expectativas, o que permite que os membros de uma comunidade de discurso se compreendam e produzam determinados tipos de textos sem dificuldade. Além disso, ela afirma que a função comunicativa do discurso acadêmico integra informar, explicar e argumentar.

Segundo Biber et al. (1999), a produção em textos acadêmicos é, geralmente, não interativa, ou seja, os destinatários praticamente nunca são mencionados/referidos e não interagem com o autor no texto, e o autor não se refere diretamente a eles, pelo menos em comparação ao que acontece em outros tipos de texto. Swales (2001), em seu panorama sobre a linguagem acadêmica em inglês, defende que a linguagem científica e acadêmica são retoricamente simples e utilizam mecanismos linguisticamente transparentes para mostrar e transmitir o conhecimento, as hipóteses, os métodos e os resultados experimentais.

A variação linguística e conceptual no discurso acadêmico foi caracterizada por alguns conceitos estabelecidos, em particular o registro, o gênero e as comunidades de discurso. A principal distinção entre registro e gênero é que estudos de registro têm-se centrado mais na análise das características formais do uso da linguagem, enquanto os estudos de gênero têm sido associados a ações e preocupações da ideologia sociocultural e poder social (BIBER, 2006, p.11). Biber et al. (1999) define registro em termos não linguísticos, em relação às características situacionais, tais como modo, interatividade, domínio, propósito comunicativo e tópico (p.15).

Herrmann (2013) destaca o caráter interacional e construído, mesmo na escrita formal, e sugere que as escolhas retóricas dos escritores dependem de propósitos comunicativos, temas, configurações e do público. No discurso acadêmico, cada comunidade de discurso pode ser entendida como um centro de um conjunto de ideias, o que significa que as diferentes

comunidades de discurso podem variar ao construir seus discursos. O que pode ser deduzido a partir disso é que o discurso não existe independentemente de comunidades de discurso – o uso da linguagem opera dentro de convenções definidas por essas comunidades, e as comunidades operam dentro de convenções definidas pela linguagem. Assim, a língua é um assunto social que desempenha um papel importante na construção do conhecimento, enquanto o conhecimento é um assunto social que desempenha um papel importante em "fazer linguagem" (p.53). Halliday (1978) também vê o texto acadêmico como uma prática social, em que expectativas e exigências das comunidades de discurso caracterizam tais textos.

Assim como Halliday, Charles (2009) também se preocupa com a escrita como uma prática social, considerando a posição do autor do texto e o seu papel, bem como o papel do texto em si. Além disso, o autor ressalta o contexto social que circunda a produção do texto acadêmico, no sentido de poder atingir de forma mais bem-sucedida o público-alvo para o qual está se dirigindo. Uma característica também importante do discurso acadêmico é o público-alvo. Assim como os textos jornalísticos, por exemplo, têm o seu público, o discurso acadêmico tem um número de destinatários especializados altamente diferenciados. Além disso, esse tipo de discurso apresenta um alto nível de formalidade e vocabulário técnico e complexo (BIBER et al., 1999).

De acordo com Hyland (2006), as características típicas do discurso acadêmico podem ser resumidas em três, quais sejam: a alta densidade lexical, o alto estilo nominal, e as construções impessoais. Em relação ao primeiro tópico, o autor afirma que existe maior emprego de palavras de conteúdo em relação às palavras gramaticais, como preposições, artigos e pronomes, tornando a escrita acadêmica mais informativa. Assim como Hyland, Biber et al. (1999) também afirma que, na língua inglesa, o discurso acadêmico é um dos registros com maior densidade lexical. A respeito do alto estilo nominal, no inglês, há maior presença de substantivos do que verbos na escrita acadêmica (BIBER, 1999; HYLAND, 2006). E sobre o último tópico, Hyland (2006) apresenta a seguinte análise:

First-person pronouns are often replaced by passives ('the solution was heated'), dummy 'it' subjects ('it was possible to interview the subjects by phone') and what are called 'abstract rhetors', where agency is attributed to things rather than people ('the data suggest')¹⁸. (p. 14)

Visto o discurso acadêmico ser constituído por características próprias, ele é considerado um tipo de linguagem específica. Assim, Hoffmann (2004) aborda a Linguística

¹⁸ Pronomes em primeira pessoa são muitas vezes substituídos pela voz passiva ('a solução foi aquecida'), pelo expletivo 'it' – do inglês – ('foi possível entrevistar os sujeitos por telefone') e pelos chamados 'retóricos abstratos', em que o agente é atribuído a coisas em vez de pessoas ('os dados sugerem'). (Tradução nossa)

das Linguagens Especializadas, dividindo-a em cinco conceitos básicos, quais sejam: sublinguagem, linguagem especializada, vocabulário especializado, terminologia e texto especializado.

Nesse sentido, Delgado (2012) ressalta que os textos especializados têm características marcantes, principalmente os de natureza científica. De acordo com a autora, “a comunicação tradicional da ciência tende ao emprego de verbos em terceira pessoa, produzindo, assim, uma imagem de impessoalidade, de isenção de pontos de vista” (p.48). Ainda sobre esse aspecto, Krieger e Finatto (2004) afirmam que a impessoalidade aponta um conhecimento isento de pontos de vista particulares. Assim, o uso de recursos linguísticos, como terceira pessoa, nominalizações e estruturas passivas, auxiliam os efeitos de indeterminação e o apagamento da subjetividade (DELGADO, 2012). No entanto, esse aspecto parece, atualmente, estar mudando, já que cada vez mais se usa a voz ativa.

Em relação à produção de textos acadêmicos do português brasileiro, percebe-se que a preocupação dos teóricos é mais voltada para o formato do texto, no sentido de como elaborar hipóteses, objetivos e de como delimitar o tema, sem dar ênfase ao texto escrito propriamente dito (Motta-Roth e Hendges, 2010).

No Brasil, os livros de metodologia científica são tidos como base para a escrita do discurso acadêmico, geralmente. Nesse sentido, de acordo com Marconi e Lakatos (2010), o texto científico deve ser claro, objetivo e impessoal, sendo empregada linguagem didática e adequada ao tema:

A redação do trabalho científico consiste na expressão, por escrito, dos resultados da investigação. Trata-se de uma exposição bem fundamentada do material coletado, estruturado, analisado e elaborado de forma objetiva, clara e precisa. O trabalho científico utiliza linguagem técnica (acadêmica e didática), cuja finalidade é transmitir conhecimento. (p.233)

Outra característica ressaltada pelas autoras supracitadas é a objetividade e impessoalidade do discurso acadêmico. Tendo em vista tais aspectos, elas apresentam algumas regras que auxiliam a escrita acadêmica nesse sentido, como saber o que escrever, o objetivo e quem é o público-alvo; ter consciência do que se está escrevendo; ser lógico e respeitar as regras gramaticais; utilizar vocabulário técnico; evitar repetições; e revisar o que se escreveu.

Sabe-se que o português ainda é considerado uma língua que segue padrões conservadores, como o uso de terceira pessoa em textos acadêmicos, por exemplo. Entretanto, pode-se observar que, hoje, há um aumento no uso da primeira pessoa nos trabalhos acadêmicos (MOLSING & PERNA, 2014), ou seja, os autores estão se posicionando mais através da

primeira pessoa. Tal aspecto demonstra que há uma mudança em progresso no discurso acadêmico em língua portuguesa. Além disso, Strey & Presotto (2015) observaram que há emoções¹⁹ presentes no discurso acadêmico. As autoras mostram que é possível recuperar as impressões emocionais do falante/autor ou criá-las no ouvinte/leitor nesse tipo de discurso, mesmo ele sendo considerado, tradicionalmente, racional e objetivo. Na análise dos dados, diferentes aspectos emocionais foram percebidos em distintas partes de trabalhos acadêmicos, como em dedicatórias, epígrafes, nos agradecimentos, na introdução, na fundamentação teórica, e em expressões, como metáforas, adjetivos e diminutivos.

Como visto na seção 2.1, as metáforas conceptuais explicitam conceitos abstratos através de conceitos concretos, sendo que conceptualizamos um domínio de experiência, geralmente abstrato, em termos de um domínio mais concreto (LAKOFF & JOHNSON, 1980; GIBBS, 2008; KÖVECSES, 2010). Isso pode ser relacionado ao discurso acadêmico, no sentido de que, para explicar teorias, por exemplo, que muitas vezes têm um teor abstrato, o uso de metáforas nessa explicação poderia ajudar a esclarecer tais abstrações, além de manter essa característica objetiva e clara do discurso acadêmico. Assim, a próxima seção discutirá questões e características a respeito da metáfora no discurso acadêmico.

2.2.1 Discurso acadêmico e metáfora

De acordo com Herrmann (2013) e Giannoni (2009), estudos linguísticos têm sugerido que o uso da linguagem metafórica é difundido na linguagem natural por meio de muitos domínios diferentes de discurso, incluindo o discurso acadêmico. Para os autores, hoje é amplamente assumido que a metáfora desempenha um papel crucial no discurso acadêmico, fenômeno que passou a ser estudado por diferentes perspectivas. Como visto na seção anterior, a metáfora pode ser relacionada ao discurso acadêmico também pelo fato de que, quando explicamos teorias e experimentos em um trabalho acadêmico, por exemplo, muitas vezes com teor abstrato, precisamos nos valer de conceitos mais concretos para facilitar tal explicação, tanto para o autor do texto quanto para o seu leitor.

Nesse sentido, Temmerman (2000) afirma que parte do conhecimento científico e tecnológico é compreendida através da nossa percepção sensória, como resultado da interação

¹⁹ O tratamento das emoções na linguagem não envolve as emoções *per se*, mas as emoções verbais, ou seja, aquelas que podem ser verificadas através do que e do como algo é dito, entendidas como impressões não-proposicionais (cf. COSTA & STREY, 2014).

entre língua, mente, corpo humano e mundo. Acrescenta, ainda, que a linguagem não pode ser reduzida a um nível literal e consciente. Freitas & Bezerra (2012) postulam que, como o nosso pensamento é metafórico por natureza (cf. LAKOFF & JOHNSON, 1980), a nossa linguagem também é impregnada de metáforas e, inevitavelmente, as nossas produções discursivas também são, até as mais objetivas e científicas. Berber Sardinha (2007) acrescenta que a metáfora encontra-se na própria natureza do conhecimento científico. Para o autor,

A ciência mesmo com seu véu de objetividade e de concretude, necessita de metáforas para existir. Sem elas não tem sido possível levantar hipóteses, fazer descobertas, interpretá-las, comunicá-las, debatê-las ou perfazer qualquer outra tarefa-chave do universo da pesquisa. (p.84)

Assim, as metáforas são vistas como importantes ferramentas de comunicação, tanto na escrita científica quanto no pensamento científico (HERRMANN, 2013). Conforme discutido na seção 2.1, as metáforas estão ligadas ao nosso pensamento e linguagem – as metáforas conceituais se referem ao nível abstrato do sistema conceitual, e as metáforas linguísticas ao nível concreto da expressão linguística. Nesse sentido, Gibbs (1994) sugere que as metáforas no discurso científico são geralmente convencionalizadas, já que elas devem ser bastante utilizadas nesse tipo de discurso: “scientific metaphors are made to be overused”²⁰ (p.173). Além disso, Gibbs ainda afirma que o sucesso desse tipo de metáfora está relacionado ao fato de essas metáforas se tornarem parte do nosso conhecimento: [...] “Successful scientific metaphors become dead when they become a well-established part of our knowledge”²¹ (p. 173).

As metáforas ontológicas, por exemplo, mais especificamente, a personificação (vista na seção 2.1), podem ser encontradas no discurso acadêmico, em que construções impessoais do agente nos verbos de ação – com uma entidade inanimada na posição de sujeito de um verbo que normalmente pede por um sujeito animado – são tidas como umas das principais características do discurso acadêmico (BIBER, 1988). Isso pode ser ilustrado por meio dos seguintes exemplos já apresentados na seção 2.1:

- A teoria precisa de mais apoio.
- Sua teoria me explicou o comportamento das fábricas de criação de galinha.
- Esse fato argumenta contra as teorias padrão.

²⁰ Metáforas científicas são feitas para ser usadas em demasia.

²¹ [...] Metáforas científicas bem-sucedidas se tornam mortas quando se tornam uma parte bem estabelecida de nosso conhecimento. (Tradução nossa)

Semino (2008, p.218), em uma de suas pesquisas, compara gêneros em nível de funções e conclui que as metáforas têm funções dominantes em diferentes gêneros, por exemplo, a persuasão nos discursos políticos e a explicação nos materiais educacionais. A respeito dos artigos científicos, a autora afirma que as metáforas são utilizadas para persuadir, explicar e, às vezes, para colocar humor no texto.

Low (2008) também trabalha com metáforas no contexto acadêmico, analisando o posicionamento do autor em resenhas de livros acadêmicos. Em sua pesquisa, percebe que a contribuição da metáfora para muitas das reivindicações de autoridade por parte do autor é puramente através de metáforas convencionais. Em relação a isso, Cameron (2003), Low (2008) e Semino (2008) mencionam que as metáforas convencionais são consideradas mais técnicas em contextos acadêmicos em comparação à linguagem usual. Para Cameron (2003), uma “metáfora técnica”, termo proposto pela autora, são metáforas familiares a um grupo através de um discurso compartilhado anteriormente.

Herrmann (2013), em sua tese, mostrou que o uso de metáforas e de expressões metafóricas é pervasivo no discurso acadêmico, o que, de acordo com a autora, vai ao encontro da ideia da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF & JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1993), a qual vê a metáfora como um fenômeno indispensável do discurso natural por todos os domínios. Além disso, o estudo de Herrmann analisou a metáfora através das classes gramaticais e também mostrou que a metáfora é mais frequente no discurso acadêmico do que no gênero da notícia e da ficção.

Considerando os estudos aqui abordados, percebe-se que todos são relativos a aspectos do discurso acadêmico da língua inglesa, o que resulta em uma visão mais detalhada desse gênero específico. Diferentemente da língua inglesa, o português acadêmico ainda não tem tantas pesquisas sobre esse tema. Nesse sentido, a próxima seção destina-se a apresentar um panorama sobre os estudos existentes em relação a esse tema.

2.2.2 Metáfora no discurso acadêmico do português brasileiro

Como vimos na seção anterior, existem diversas pesquisas sobre metáforas no discurso acadêmico, porém a maior parte delas foca o discurso acadêmico de língua inglesa. O objetivo desta seção, portanto, é apresentar os estudos já realizados sobre metáforas no português acadêmico.

Cavalcante (2011) mostra, em seu trabalho, a ocorrência e o uso de metáforas na produção de artigos científicos produzidos por alunos do curso de Licenciatura em Letras da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Garanhuns, tendo como base teórica a Teoria da Metáfora Conceptual. A pesquisa parte da análise de um corpus de 15 artigos produzidos por estudantes participantes de projetos de iniciação científica no período de 2007 a 2011. Os resultados mostram que os trabalhos analisados fazem uso de metáforas e expressões metafóricas, estruturando e organizando seus pensamentos de acordo com esse mecanismo cognitivo e conceitual.

Em seu estudo, *Metáforas: subjetividade em discurso acadêmico*, Marques (2008) analisa as estratégias comunicativas utilizadas em discursos científicos, com base nas noções funcionalistas de metáforas estruturais (LAKOFF & JOHNSON, 1980), para observar construções argumentativas expressas metaforicamente. Tomando a afirmação de Lakoff & Johnson de que há metáforas estruturais que abrangem determinadas comunidades científicas, a autora analisou metáforas construídas e cristalizadas dentro do campo semântico da biologia humana, como, por exemplo, “Comunidades celulares são famílias” (célula mãe; células irmãs; cromossomos-filhos), “Comunidades biológicas se organizam como seres humanos” (células companheira; gânglios associados), “Comunidades biológicas possuem características de seres humanos” (célula madura; cadeia simpática; sistema nervoso simpático), “Comunidades biológicas são plantas” (células tronco).

Além disso, Marques verificou que a metáfora no discurso científico pode ser encontrada em explicações a um público não acadêmico ou com pouco conhecimento científico, como no exemplo a seguir, em que foi feita uma comparação entre o sistema respiratório e uma estação de trem:

- No começo do túnel há um portão, a glote. Ela só deixa entrar o ar, impedindo que alimentos passem. A primeira estação é a laringe, muito importante para a voz. Por isso que a gente fica rouco quando tem laringite: é quando a laringe está doente. Em seguida, vêm as cordas vocais. São elas que regulam o ar, quando a gente fala grosso ou fino. Logo embaixo vem a traquéia. É a última estação antes de chegar aos pulmões – ou a primeira quando o ar está saindo. Como o nariz, a traquéia tem um filtro de pêlos, que não deixa que nenhuma partícula passe para os pulmões: próxima parada...

Marques afirma que, a partir da análise realizada, entende-se a metáfora como uma forma de simplificar a explicação de algo em vista da compreensão de processos técnicos específicos.

Goldbach & El-Hani (2008), no estudo *Entre receitas, programas e códigos: metáforas e idéias sobre genes na divulgação científica e no contexto escolar*, discutem o uso de metáforas em revistas de divulgação científica para referir-se ao DNA, aos genes e ao genoma, abordando, também, o uso dessas metáforas por pesquisadores e por estudantes e professores de escolas de ensino médio do Rio de Janeiro. Os autores analisaram e verificaram o sucesso dessas metáforas específicas dessa área e concluíram que algumas delas suscitam dificuldades para a compreensão dos genes e da sua relação com sistemas vivos.

Em sua dissertação *A metáfora no texto científico de medicina: um estudo terminológico da linguagem sobre AIDS*, Huang (2005) examinou a incidência de expressões potencialmente metafóricas em textos da Revista da Associação Médica Brasileira, cobrindo o período de 1984 a 2002. A autora verificou que a personificação é o tipo de expressões potencialmente metafóricas que mais ocorre nos dados analisados. Ademais, ela conclui sua pesquisa discutindo as consequências do uso de metáforas nos textos sobre AIDS, como o efeito de estigma em alguns contextos.

Freitas & Bezerra (2012), no artigo *O papel da metáfora em textos acadêmicos: o artigo científico em cena*, investigam a metaforicidade de textos científicos, numa perspectiva baseada no processo de letramento acadêmico, com objetivo de analisar como se dá a ocorrência de expressões metafóricas subjacentes a conceitos metafóricos situados nesse tipo de texto, classificando-as de acordo com a tipologia proposta por Lakoff & Johnson (1980), qual seja a metáfora estrutural, a ontológica e a orientacional. Para tanto, as autoras analisaram um corpus constituído por 20 artigos científicos retirados de 10 revistas da área de Linguística.

Por meio da análise do corpus, Freitas & Bezerra (2012) identificaram metáforas conceituais dos três tipos (estrutural, orientacional e ontológico), explicitadas em várias expressões linguísticas metafóricas. Dentre as metáforas identificadas, o tipo que mais se destacou, manifestando-se em todos os artigos, foi o estrutural. Além disso, a pesquisa demonstrou algumas percepções específicas relacionadas à produção do gênero artigo, como o fato de algumas metáforas estruturais se manifestarem de forma sistemática, como ENTENDER É VER, TEORIA É CONSTRUÇÃO e PESQUISAR É VIAJAR, identificadas na maioria dos artigos. Dessa forma, Freitas & Bezerra constataram a existência de metáforas essencialmente como características na produção do gênero acadêmico e, assim, ressaltam a importância do uso da metáfora nesse tipo de texto, tendo em vista uma interação compreensível entre autor e

leitor, devido às informações abstratas serem facilitadas por meio de expressões que compartilham experiências e conhecimentos comuns no âmbito social e cultural.

Por meio dos estudos apresentados anteriormente, percebe-se que a pesquisa sobre metáforas no português acadêmico ainda é bastante incipiente. Além disso, nota-se que o foco, muitas vezes, não é no próprio discurso, mas nas áreas envolvidas no estudo, como nos casos de Marques e Huang. O estudo de Freitas & Bezerra demonstra uma preocupação maior com o discurso acadêmico e com o modo que a metáfora influencia esse tipo de gênero, contribuindo, assim, para o discurso acadêmico do português. Dessa forma, esta pesquisa se caracteriza como inovadora e incentivadora, no sentido de contribuir para a caracterização do português acadêmico.

2.3 METÁFORA E LINGUÍSTICA DE CORPUS

Este capítulo tem como objetivo apresentar os fundamentos teóricos da metodologia utilizada para analisar as metáforas presentes no discurso acadêmico. Para tanto, apresentar-se-á um panorama da Linguística de Corpus, bem como a sua relação com pesquisas sobre metáfora.

Atualmente, as pesquisas que têm como metodologia a Linguística de Corpus estão se expandindo cada vez mais. De acordo com Berber Sardinha (2007b), a Linguística de Corpus tem hoje grande influência na pesquisa linguística. No livro *Avanços da Linguística de Corpus no Brasil*, de Tagnin & Vale (2008), Berber Sardinha e Almeida ressaltam o “crescimento qualitativo e quantitativo das pesquisas realizadas e da crescente formação em recursos humanos”, observando que a Linguística de Corpus toma um importante papel na iniciação científica, no mestrado e no doutorado, o que a legitima. Além disso, Tagnin (2004) apresenta uma das vantagens de se utilizar a Linguística de Corpus: a possibilidade de analisar dados empíricos. De acordo com McCarthy & O’Keeffe (2010), a Linguística de Corpus ajudou a refinar as descrições sobre léxico e sobre aspectos gramaticais e hoje está sendo usada em outras áreas de pesquisa, como ensino de língua, pragmática, sociolinguística, comunicação, entre outras.

A Linguística de Corpus pode ser definida como uma metodologia linguística baseada no uso de coleções eletrônicas escritas e orais. Conforme Tagnin (2004), a coletânea de textos pode ser compilada de acordo com critérios específicos, considerando a representatividade de

uma língua ou da parte dela que se pretende estudar. Segundo Leech (1997, p.9), a análise por corpus pode ser “illuminating in virtually all branches of linguistics or language learning”²².

De acordo com Berber Sardinha (2007b), a Linguística de Corpus não se dedica apenas a um assunto definido, mas a vários fenômenos que são também enfocados em outras áreas. Nesse sentido ele afirma que a Linguística de Corpus pode ser tida ou não como metodologia, o que irá definir isso é a noção de metodologia que se está usando. Entende-se metodologia como instrumental, então é possível aplicar a Linguística de Corpus e manter a orientação teórica da área que se está pesquisando. Entretanto, o autor afirma que a Linguística de Corpus não pode ser vista somente como uma ferramenta, pois os seus usuários produzem conhecimento novo a partir dela.

Um aspecto importante a respeito da Linguística de Corpus é a questão da extensão do corpus e a sua representatividade. A respeito disso, Berber Sardinha (2007b) afirma que um corpus é a representação da linguagem, de um idioma ou de uma variedade. Assim, quanto maior for o corpus mais representativo ele será, visto a linguagem ser um sistema probabilístico, em que certos traços são mais frequentes do que outros (BERBER SARDINHA, 2007b). No entanto, McCarthy & O’Keeffe (2010) afirmam que

Small, carefully targeted corpora (by which we commonly mean corpora of fewer than a million words of running text) have proved to be a powerful tool for the investigation of special uses of language, where the linguist can ‘drill down’ into the data in immense detail using a full armoury of software and shed light on particular uses of language.²³ (p.6)

Assim, o pesquisador precisa saber o objetivo de sua pesquisa e qual é a sua melhor escolha de corpus, no sentido de que para cada estudo a representatividade do corpus será distinta. Desse modo, as escolhas do pesquisador são muito importantes em diversos aspectos iniciais de sua pesquisa. De acordo com Leech (1992), *corpora* são, geralmente, reunidos por propósitos específicos, e são normalmente representativos para uma língua ou para um tipo de texto.

Outra característica da Linguística de Corpus é a autenticidade, visto que todos os textos que compreendem um corpus são autênticos, ou seja, não foram criados ou inventados para fins da criação do corpus. Isso é um ponto que torna a pesquisa com *corpora* ainda mais

²² esclarecedora em praticamente todos os ramos da linguística ou da aprendizagem de línguas. (Tradução nossa)

²³ Os *corpora* pequenos e cuidadosamente direcionados (*corpora* de menos de um milhão de palavras) provaram ser uma ferramenta poderosa para a investigação de usos especiais da linguagem, em que o linguista pode analisar os dados detalhadamente, utilizando um arsenal completo de software e focar usos específicos da linguagem. (Tradução nossa)

interessante, já que o pesquisador saberá que o que é pesquisado foi realmente “retirado do mundo real”.

Berber Sardinha (2007a) afirma que “há um fato novo que veio para mudar a maneira como enxergamos a metáfora, que passa bem mais despercebido: o uso de *corpora* eletrônicos e de ferramentas de informática para encontrá-las” (p.169). De acordo com o autor, o surgimento de *corpora* não influenciou imediatamente o estudo sobre metáfora, mas isso vem se alterando aos poucos. A lexicografia ajudou a Linguística de Corpus a adentrar os estudos da metáfora, visto que as pessoas que trabalham com a criação de dicionários sempre tiveram que lidar com ambos os sentidos literal e figurado das palavras. Nesse sentido, ao começar a usar *corpora* eletrônicos na lexicografia, isso se uniu: “o dicionário precisava de análise de corpus para ser feito, e ao mesmo tempo a análise dos sentidos figurados passou a ser feita com base em evidência de *corpora*” (p.170).

De acordo com Berber Sardinha (2007a) e Stefanowitsch (2006), a Teoria da Metáfora Conceptual traz desafios para a Linguística de Corpus, já que a metáfora é tida como uma representação mental. Assim, “como a Linguística de Corpus se ocupa de dados realizados, de produção, como pode ela dar conta de encontrar as metáforas conceptuais, que residem na mente?” (p.173). Berber Sardinha diz que a própria teoria dá as pistas para se chegar à resposta a essa pergunta. Ele afirma que, mesmo as metáforas sendo abstratas e mentais, elas se concretizam no uso linguístico, através das expressões metafóricas. Por exemplo, a metáfora AMOR É UMA VIAGEM acarreta expressões como ‘estamos num beco sem saída’, ‘estamos indo muito bem’, ‘estamos sem rumo’, etc., quando usadas no contexto da vida amorosa (p.173). Outra pista mencionada pelo autor é o fato de as metáforas conceptuais serem convencionais, isto é, adquirem a forma de expressões que ocorrem na língua. Dessa forma, a Linguística de Corpus, cujo objetivo é buscar o uso típico e habitual das formas linguísticas, pode contribuir no estudo da metáfora, no sentido de que “encontrar formas típicas de uso pode ser uma forma de nos conduzir às metáforas conceptuais” (p.173).

Para Berber Sardinha (2007a, p.196-197),

Na perspectiva da teoria contemporânea dominante nos estudos da metáfora (metáfora conceptual), o uso de corpora coloca ainda mais desafios, pois não é possível localizar metáforas conceptuais diretamente em corpora. Elas precisam ser concretizadas em expressões metafóricas, o que normalmente envolve o uso da intuição e da memória, a fim de que se tornem termos de busca no concordanciador. Urge, portanto, que se encontrem maneiras de garantir abrangência e eficiência nos estudos da metáfora com corpora, para que a riqueza de dados que qualquer corpus oferece (e que sempre nos surpreende) não seja desperdiçada.

Deignan (2005) oferece um tratamento detalhado de abordagens do tipo *bottom-up* para análise da metáfora, com ênfase em concordância e em como a metáfora é sinalizada por padrões recorrentes de uso. Em Stefanowitsch & Gries (2006), várias abordagens diferentes para a identificação de metáforas em *corpora* são apresentadas, o que Stefanowitsch (2006, p 2-6.) classifica em sete grupos distintos com base no tipo de pesquisa realizada: manual, vocabulário de domínio-fonte, vocabulário de domínio-alvo, vocabulário tanto de domínio-fonte e alvo, marcadores de metáfora e extração de *corpora* anotados para campos semânticos ou para mapeamentos conceituais.

Berber Sardinha (2011) comenta que há dois tipos básicos de pesquisas baseadas em Linguística de Corpus: o *corpus* como um todo (*whole corpus*) e o baseado na concordância (*concordance-based*). No primeiro caso, os pesquisadores codificam todas as metáforas em todo o corpus, geralmente de forma manual, e em seguida, recuperam as metáforas com base na análise manual. No segundo, eles fazem a concordância para determinados itens e, em seguida, analisam somente essas ocorrências. A respeito desses dois tipos de análise, o autor afirma que as análises do corpus como um todo são afetadas pela grande quantidade de dados que precisam ser codificados. Já a *concordance-based* é baseada em uma amostra de linhas de concordância extraídas do corpus e é influenciada pela escolha dos termos que serão analisados – isso irá definir o que será ou não encontrado no corpus. Assim, de acordo com Berber Sardinha, quanto mais se sabe a respeito da padronização linguística do uso de metáfora, melhor se estabelece as probabilidades de uso e as dimensões de variação da metáfora através de registros. Além disso, ele afirma que quanto mais se sabe sobre a padronização da metáfora, sobre suas probabilidades e sua variação, melhor se determina quais aspectos da metáfora podem ser “ensinados” ao computador para ele reconhecê-los com maior grau de precisão.

Um ponto importante a ser ressaltado é o fato, já mencionado por Berber Sardinha (2011), de que não há muitas pesquisas envolvendo Linguística de Corpus e metáforas no português brasileiro – a maior parte dos estudos é em língua inglesa:

One further point that has not deserved much attention in CL metaphor research is extending the scope of inquiry beyond English. The vast majority of the literature focuses on metaphors in English, and few other languages are reported at all.²⁴ (p.232)

²⁴ Outro ponto que não tem ganhado muita atenção na pesquisa de metáfora com linguística de corpus é o aumento do âmbito de investigação para além da língua inglesa. A maior parte da literatura nessa área concentra-se em metáforas em inglês, e outros poucos idiomas são analisados. (Tradução nossa)

Tal afirmação reforça a ideia de que este estudo pode contribuir para pesquisas em relação a esse aspecto, bem como, mais especificamente, para estudos de metáfora no discurso acadêmico, o que é pouco visto atualmente no Brasil.

Neste capítulo apresentaram-se aspectos básicos da Linguística Cognitiva para introduzir a teoria em que se baseia este trabalho, qual seja a Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff & Johnson (1980). Também foram apresentados e discutidos vários aspectos ligados à metáfora que são relevantes para esta pesquisa, como as características do discurso acadêmico e sua relação com as metáforas. Além disso, apresentaram-se os estudos já realizados com metáforas no discurso acadêmico do português brasileiro, bem como aspectos sobre a Linguística de Corpus, a qual servirá como base teórica para a metodologia do trabalho. Assim, o próximo capítulo se destina a apresentar e discutir a metodologia desta pesquisa.

3 METODOLOGIA

Considerando a fundamentação teórica desta pesquisa apresentada no capítulo 2, analisaremos o corpus e discutiremos os dados partindo da nossa hipótese geral de que as Ciências Humanas e as Ciências Exatas – aqui, Faculdade de Comunicação e Faculdade de Informática – abordam a metáfora de forma diferenciada. Nesse sentido, temos as seguintes hipóteses específicas:

- a) A Comunicação utilizará as metáforas de forma mais frequente do que a Informática;
- b) A Comunicação utilizará mais tipos diferentes de expressões metafóricas do que a Informática.

Nossas hipóteses estão fundamentadas em Hyland & Bondi (2006), os quais apresentam estudos a respeito das diferenças e características específicas das diversas disciplinas que se relacionam com o discurso acadêmico. No livro *Academic Discourse Across Disciplines*, os autores apresentam estudos sobre aspectos da variação presente nas disciplinas, mostrando que os diferentes estilos estão relacionados não só com as características de cada disciplina, mas também com ideologias, epistemologias e ferramentas argumentativas.

Tendo em vista o objetivo geral deste estudo, qual seja investigar a ocorrência de metáforas no discurso acadêmico, conferindo como se dá essa ocorrência no nível da graduação, bem como os objetivos específicos – (a) identificar metáforas na escrita acadêmica, diferenciando-as em cada área a ser analisada; (b) comparar o uso de metáforas em cada área, verificando se há diferenças de frequência e tipos de expressões metafóricas utilizadas; e (c) analisar o grau de metaforicidade das expressões pesquisadas – valeu-se da Linguística de Corpus para a realização da análise dos dados. O tipo de pesquisa realizado foi o *whole corpus*, em que o corpus é analisado como um todo, codificando todas as metáforas presentes no corpus, de forma manual.

3.1 APRESENTAÇÃO DO CORPUS

O corpus analisado é constituído por trabalhos de conclusão de curso de duas faculdades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a Faculdade de Comunicação Social (FAMECOS) – doravante Comunicação – e a Faculdade de Informática (FACIN) – doravante Informática. Foram analisados 15 trabalhos da Comunicação e 15 da Informática, sendo que todos foram publicados em uma revista da universidade por terem sido indicados como destaque dentro de cada área.

Para descrever o corpus em relação aos *types* (correspondente a cada item ou palavra, sem considerar as repetições) e *tokens* (correspondente ao número total de itens ou palavras, incluindo as repetições de um mesmo item ou palavra), valeu-se da ferramenta *Wordlist* do software AntConc (ANTHONY, 2014)²⁵. Feita essa análise, o corpus apresentou a seguinte relação de *types* e *tokens*:

	<i>Types</i>	<i>Tokens</i>
Comunicação	23.275	417.771
Informática	11.765	237.670

Tabela 1: Descrição das duas áreas do corpus – Comunicação e Informática – em *types* e *tokens*.

Para preservar a identidade dos falantes, cada texto recebeu uma etiqueta identificadora (por exemplo, TAUPUCRSAETEFFACINN3), em que se pode identificar o número do sujeito e a qual área ele pertence. Além disso, os autores dos trabalhos são todos falantes nativos do português brasileiro.

Pensando os diferentes “níveis” de linguagem existentes na academia – dos alunos da graduação, dos mestrados, dos doutorandos, dos professores, por exemplo –, acredita-se que esses trabalhos de conclusão possam ser representativos da linguagem acadêmica da graduação das áreas da Comunicação e da Informática.

²⁵ O AntConc foi desenvolvido pelo Prof. Dr. Laurence Anthony e é um “kit de ferramentas” de análise geral de corpus; o software pode ser baixado gratuitamente através do site <http://www.laurenceanthony.net/software.html>.

3.2 MÉTODO DE ANÁLISE DAS METÁFORAS DO CORPUS

A partir da seleção dos 30 trabalhos de conclusão, passou-se para a análise de metáforas no texto. Para buscar as metáforas no discurso acadêmico, o método utilizado foi o MIP – *Metaphor Identification Procedure*, um procedimento de identificação de metáforas, como o próprio nome já explica, idealizado pelo Pragglejaz Group (2007), composto pelos seguintes pesquisadores de metáfora: Peter Crisp, Raymond Gibbs, Alice Deignan, Graham Low, Gerard Steen, Lynne Cameron, Elena Semino, Joe Grady, Alan Cienki e Zoltan Kovecses. O MIP apresenta quatro passos a serem seguidos (adaptados de PRAGGLEJAZ GROUP, 2007, p. 3):

1. Ler todo o texto para se estabelecer um entendimento geral.
2. Determinar as unidades lexicais no texto.
3. (a) Para cada unidade no texto, estabelecer o seu significado no contexto, ou seja, como é aplicado a uma entidade, relação, ou atributo na situação evocada no texto. Além disso, deve-se considerar o que vem antes e depois da unidade lexical.
(b) Para cada unidade lexical, determine se há um significado mais básico em outros contextos do que nesse a ser analisado. Nesse caso, significado básico é:
 - Mais concreto; o que ele evoca é mais fácil de ser imaginado, visto, ouvido, sentido, etc.
 - Relacionado à ação corporal.
 - Mais preciso (oposto a vago).
 - Historicamente mais antigo.

Os significados básicos não são, necessariamente, os mais frequentes da unidade lexical.

(c) Se a unidade lexical tem um significado básico mais atual em outros contextos do que no analisado, veja se o significado contextual se diferencia ao significado básico, mas pode ser entendido em comparação a ele.

4. Se sim, marque a unidade lexical como metafórica.

Primeiramente, foi realizada uma leitura de todo o corpus pela autora deste trabalho para identificar as unidades lexicais do texto. Para ajudar na análise das unidades, mais especificamente para verificar se há palavras mais literais que poderiam substituir as expressões metafóricas encontradas no corpus, foram utilizados dois dicionários renomados da língua portuguesa: Novo Dicionário Eletrônico Aurélio (FERREIRA, 2009) e Dicionário Eletrônico Houaiss (HOUAISS, 2009).

A aplicação do MIP será demonstrada através dos seguintes exemplos retirados do corpus:

1. “Enquanto as metodologias convencionais utilizam como base para estas etapas todo o escopo do projeto [...]”.
2. [...] neste local os Irmãos recebiam uma sólida formação humana, religiosa e pedagógica.

O exemplo 1 apresenta a unidade lexical ‘base’, a qual foi pesquisada nos dicionários mencionados, de acordo com o seu contexto de uso: “conjunto de conhecimentos, fatos, dados, de que se dispõe para opinar, acusar etc.”. De acordo com os dicionários, esse significado de ‘base’ é considerado uma derivação por extensão de sentido do seu uso mais concreto: “parte inferior de alguma coisa, considerada como seu suporte”. Quando comparamos esses dois significados de ‘base’, percebe-se que o significado contextual se diferencia do significado mais básico, embora possa ser entendido em comparação a ele: considerando o exemplo 1, um projeto tem uma estrutura, uma construção, nesse caso mais abstrata, mas que de uma forma metafórica podemos pensar que há uma base, aqui o escopo do projeto, em que se apoia.

No exemplo 2, apresenta-se a unidade lexical ‘sólida’, que, considerando-se o contexto, apresenta o seguinte significado figurado: “bem fundamentado; incontestável; digno de confiança”. O uso mais concreto dessa unidade, conforme os dicionários, é o seguinte: “de consistência dura; maciço; que tem consistência, podendo ser mais ou menos espesso; resistente”. Ao compararmos esses dois significados de ‘sólida’, também notamos que o significado de ‘sólida’, conforme o exemplo, diferencia-se do seu uso mais concreto, mas pode ser entendido em comparação a ele: uma formação educacional sólida pode ser vista de forma metafórica como resistente, que não se abala facilmente.

Além disso, a análise dos dados foi embasada no *continuum* de significado proposto por Siqueira et al. (2009), em que os autores, ao determinar o grau de metaforicidade das instâncias, propõem um *continuum* que vai desde o que foi considerado altamente metafórico ao que era tipicamente menos metafórico, ou seja, cuja metaforicidade não foi consensual por Siqueira et al. Para chegar a esses níveis de metaforicidade, os autores sugerem dois critérios a serem considerados na análise das expressões metafóricas: a produtividade e a parafraseabilidade com expressões literais. Desse modo, as expressões altamente metafóricas seriam aquelas mais produtivas e as que teriam resistência a uma paráfrase literal, e as menos metafóricas seriam menos produtivas e facilmente parafraseadas com uma palavra mais literal. Um exemplo é a expressão ‘dentro [in]’, que foi considerada, pelo grupo, como altamente

metafórica, pois, nesses casos, podia-se determinar a diferença entre um uso metafórico (mais abstrato) e um uso literal (mais concreto ou básico) de uma unidade lexical no contexto do Dicionário de Direito Ambiental (2008). Para consultar os significados literais, o grupo utilizou dicionários de língua portuguesa e inglesa. Assim, o uso contextual de ‘*dentro* [in]’ na seguinte frase foi considerado literal, já que o significado do item lexical é mais próximo do que Siqueira et al. considera como modelo cognitivo idealizado, que representa ‘dentro’: “mares, rios e lagos existentes *dentro* do território de um Estado” [seas, rivers and lakes *in* the territory of a State]²⁶. Nesse caso, o modelo cognitivo idealizado que representa ‘dentro’ é o esquema do CONTÊINER. O outro exemplo foi dado como metafórico pelos autores: “sem posterior lavagem *dentro* de 24 horas” [with no further washing *in* 24 hours]. Além desses dois exemplos, os autores apresentam outras frases, que demonstram a produtividade da metáfora, em que o esquema de CONTÊINER também pode ser observado, ordenados de acordo com uma escala de aumento de abstração no significado de ‘*dentro*[in]’, ou seja, do mais literal para o mais metafórico – no caso das expressões mais metafóricas, a palavra em questão ‘dentro’ não pode ser parafraseada por outra palavra mais literal sem alterar o significado da sentença:

- (i) camada gasosa, situada *dentro* da atmosfera [layer of gases, located *in* the atmosphere]
- (ii) propagação de vibrações mecânicas (...), *dentro* da faixa de frequência de 16Hz [emission of mechanical vibrations *in* the frequency range 16Hz]
- (iii) troca de materiais entre as partes vivas e não vivas claramente definidos *dentro* do sistema [material exchange between living and non-living parts clearly defined *in* the system]
- (iv) que explore (...) imóvel rural, *dentro* de condição de rendimento econômico [which exploits rural real estate, *in* the condition of economic revenue]²⁷

Com base nesses dois novos aspectos de análise propostos por Siqueira et al. (2009), mostramos a seguir um exemplo analisado do nosso corpus:

Para a unidade lexical ‘base’, apresentada no exemplo 1, a metáfora conceptual TEORIAS SÃO PRÉDIOS pode ser identificada. Essa metáfora conceptual é altamente produtiva, já que é realizada em diferentes expressões linguísticas:

²⁶ Ambos exemplos retirados de Siqueira et al. (2009), p.165.

²⁷ Exemplos retirados de Siqueira et al. (2009), p.166.

- Ainda segundo o autor, com base nos dados de Faiz [...]
- A revisão bibliográfica foi realizada com base nas obras organizadas por Ferraz [...]
- [...] acreditavam que era possível prever o futuro com base nos dados do presente [...]
- [...] tendo como base os estudos didáticos de Marcelino Champagnat [...]

Em relação ao segundo aspecto, o da parafraseabilidade por expressões mais literais, não encontramos nenhuma possibilidade de substituição por uma palavra mais literal, sem que o sentido da frase fosse alterado. Portanto, consideramos essa expressão como altamente metafórica.

Como os exemplos do nosso corpus são diferentes daqueles em Siqueira et al., percebemos a necessidade de analisar a parafraseabilidade de termos mais ou menos literais considerando a aplicabilidade ao domínio-fonte e ao domínio-alvo. Percebemos que isso foi necessário principalmente nas metáforas que apresentam personificação, conforme o exemplo a seguir retirado do corpus:

- Cidades que não pensam nos cidadãos e no seu bem-estar também não são lembradas por eles [...]

Em relação ao exemplo anterior, encontramos a metáfora conceptual LUGAR É SER HUMANO. Nota-se que essa metáfora conceptual classifica-se como ontológica, relacionando-se com a personificação, visto que as entidades abstratas são caracterizadas como seres humanos. Então, se alterarmos o domínio-alvo ‘cidades’ por ‘povo’, para excluir a personificação da frase, seremos bem-sucedidos nessa exclusão, já que ‘povo’ tem as características necessárias para praticar a ação de ‘pensar’. No entanto, levando em consideração o restante da frase, criaremos uma ambiguidade, visto que ‘povo’ já está representado ali por ‘cidadãos’, acarretando, assim, uma substituição que não é coerente. Se substituirmos a unidade lexical ‘pensar’ por ‘preocupar-se’, conforme sinônimos trazidos pelos dicionários Aurélio e Houaiss, ainda haverá personificação, visto que as ações ‘pensar’ e ‘preocupar-se’ não podem ser realizadas por entidades abstratas. Assim, percebemos que esse outro critério analisado contribuiu para entender se uma expressão é altamente metafórica ou não. Tal aspecto pode ser considerado uma extensão da aplicabilidade dos critérios utilizados na pesquisa de Siqueira et al (2009).

Além do MIP, para auxiliar essa pesquisa, utilizou-se o software AntConc. Depois de feita a investigação através do MIP, os termos identificados foram analisados pela ferramenta

de concordância (*concordance*) para verificar as ocorrências e o contexto em que aparecem no corpus. Após essa etapa, foi feita uma compilação de todas as metáforas encontradas e suas relativas expressões linguísticas, comparando cada uma das áreas pesquisadas.

Um dos critérios de delimitação da análise foi a necessidade de muito contexto em certas metáforas e a pouca recorrência de outras. Então, foram analisadas metáforas que pudessem ser compreendidas com no máximo duas linhas de texto e aquelas que eram mais recorrentes no corpus. A escolha pela investigação considerando tais critérios explica-se pelo tempo hábil de pesquisa, que é relativamente curto, e pelo fato de a pesquisa ser do tipo *whole corpus*, o que exige mais trabalho manual, já que foi necessário ler todos os trabalhos de conclusão que compreendiam o corpus e, a partir dessa leitura, verificar a ocorrência de metáforas.

Com base em todos os aspectos abordados anteriormente, o próximo capítulo irá apresentar a análise dos dados do corpus pesquisado e a discussão dos resultados encontrados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Tendo em vista que o objetivo geral deste trabalho é investigar a metaforicidade no discurso acadêmico, conferindo como se dá a ocorrência de expressões metafóricas em ambas as áreas analisadas – Comunicação e Informática –, pode-se afirmar que, a partir da análise do corpus, foram identificadas diferentes metáforas conceituais explicitadas em várias expressões linguísticas metafóricas, o que vai ao encontro desse objetivo.

Assim, este capítulo tem como objetivo apresentar os dados a partir da análise de corpus do discurso acadêmico da graduação e discuti-los, a fim de corroborar ou não as hipóteses deste trabalho.

4.1 ANÁLISE DOS DADOS

Comparando as duas áreas pesquisadas, a Comunicação foi a área que mais se destacou, de um modo geral, na questão da quantidade de diferentes metáforas e no número das expressões metafóricas apresentadas, como pode ser visto na seguinte tabela:

Metáforas	Comunicação	Informática
A) ENTENDER É VER	384 (63,5%)	150 (53,6%)
B) TEORIAS SÃO X	82 (13,5%)	41(14,6%)
C) X É PRÉDIO	44 (7,3%)	79 (28,2%)
D) X É SER HUMANO	40 (6,6%)	6 (2,1%)
E) ARGUMENTO É GUERRA	37 (6,1%)	0 (0%)
F) CRIAR É NASCER	18 (3,0%)	4 (1,4%)
Total de metáforas	605 (0,14%)	280 (0,12%)
Tokens	417.771	237.670

Tabela 2: Relação das ocorrências de diferentes metáforas conceituais presentes no corpus.

A fim de se ter uma análise aprofundada de cada uma das metáforas conceptuais vistas na tabela anterior, apresentaremos, a seguir, as características de cada uma delas, bem como exemplos encontrados no corpus.

A) ENTENDER É VER

A metáfora conceptual mais recorrente nos trabalhos de conclusão de curso de ambas as áreas analisadas no corpus foi ENTENDER É VER. Nessa metáfora, o domínio-alvo ENTENDER é experienciado através do domínio-fonte VER. Dessa forma, percebe-se que as ideias relacionadas a esse conceito têm ligação com o fato de os novos conhecimentos poderem ser captados através de experiências visuais. Além disso, essa metáfora se liga à noção experiencial de que quando visualizamos algo passamos a entender ou a conhecer aquilo. Também podemos relacionar o sentido de ‘entender’ ao nosso conhecimento prévio, às informações pressupostas e informações dadas.

Analisando todas as ocorrências, pode-se perceber que a variedade dessas expressões metafóricas foi percentualmente maior na Comunicação do que na Informática, o que pode ser observado na tabela a seguir:

ENTENDER É VER		
Expressões	Comunicação	Informática
Claro e derivados	129 (33,6%)	21(14%)
Visto e derivados	171 (44,5%)	57 (38%)
Visar e derivados	39 (10,1%)	65 (43,3%)
Ótica e visão	45 (11,7%)	7 (4,7%)

Tabela 3: Ocorrências das expressões metafóricas relativas à metáfora conceptual ENTENDER É VER nas áreas da Comunicação e da Informática.

Assim, seguem alguns exemplos das expressões metafóricas da metáfora conceptual ENTENDER É VER:

Comunicação

1. [...] uma cadeia cognitiva que só tem início se o texto apresentar clareza [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN3)
2. O autor está claramente inclinado ao governo de Fernando Lugo. (TAUPUCRSASAFFAMECOSN4)
3. [...] o artigo sobre as moradias populares mostra uma visão clara de que o pacote habitacional [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN4)
4. É claro que a veia de escritor e de criador, de João Antônio, está sempre presente [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN5)
5. [...] o Projeto Reflexões visa esclarecer e lembrar a todos os envolvidos no processo de aprendizagem [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN2)

Informática

6. A partir dessas divergências na utilização da Filtragem de Informação, surgem novas idéias para esclarecer esse conceito. (TAUPUCRSAETEFFACINN2)
7. Os seres vivos estão tão acostumados a este padrão que não o percebem de forma clara. (TAUPUCRSAETEFFACINN3)

Nos exemplos anteriores, percebemos que, pela questão da produtividade, as expressões em destaque são altamente metafóricas, pois são bastante produtivas, no sentido de serem recorrentes e com diferentes expressões linguísticas, além de apresentar formas variadas, como ‘clara’, ‘clareza’, ‘claramente’, ‘esclarecer’.

O segundo critério, o da parafraseabilidade, indica que essas expressões metafóricas também são altamente metafóricas, pois não parece ser possível parafraseá-las por outras palavras mais literais, mantendo o sentido que têm nos enunciados²⁸. No entanto, o exemplo 4, o qual apresenta a expressão metafórica ‘é claro que’, poderia haver a paráfrase por ‘é óbvio que’, ‘é certo que’, expressões que podem ser consideradas mais literais, de acordo com os dicionários Houaiss e Aurélio.

²⁸ Assumimos, nesta pesquisa, ‘enunciados’ e ‘frases’ como sinônimos.

Comunicação

8. [...] alguns entrevistados responderam pelo ponto de vista da empresa anunciante ou da produção do programa [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN10)
9. Dessa maneira, o conhecimento é visto como “sinônimo de um computador” [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN6)
10. Inicialmente não pareceu um bom tema, tendo em vista o interesse em explorar outros assuntos [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN8)
11. Podemos desta maneira, perceber o olhar simplificado de Taylor, diante destas relações. (TAUPUCRSASAFFAMECOSN9)
12. [...] minha idéia inicial de sugerir a bicicleta como meio de locomoção nas cidades, visto que é um meio de transporte sustentável para as cidades [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN1)
13. [...] tinha o objetivo de elaborar e utilizar técnicas de persuasão, tendo em vista a continuidade do seu exercício [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN8)

Informática

14. A primeira opção requer um maior cuidado do projetista, visto que uma série de componentes [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN1)
15. Tendo em vista que o processo de leitura da memória possui um atraso indeterminado [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN1)
16. Discorrendo sobre esse tema do ponto de vista do usuário [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN2)
17. [...] as práticas do CMMI são freqüentemente vistas como incompatíveis. (TAUPUCRSAETEFFACINN4)

Analisando os exemplos 8 a 17, nota-se que as expressões metafóricas ‘vista’, ‘visto’, ‘tendo em vista’, ‘visto que’ podem ser consideradas produtivas, sendo, dessa forma, mais metafóricas. Em relação à parafraseabilidade, consultamos o Dicionário Houaiss e, para a entrada ‘vista’, encontramos marcação de sentido figurado, podendo, assim, ser parafraseada por ‘entender’. A entrada ‘visto’, no mesmo dicionário, é sinônimo de ‘considerado’. Desse modo, ‘vistas’ e ‘visto’, respectivamente, nos exemplos 17 e 9, poderiam ser parafraseados por ‘entendidas’ e ‘entendido’, sendo, portanto, menos metafóricos, considerando o critério de parafraseabilidade. Da mesma forma, as expressões ‘visto que’ e ‘tendo em vista’ podem ser

consideradas menos metafóricas na questão da parafraseabilidade, pois podem ser substituídas pelo vocábulo ‘considerar’, mantendo o mesmo sentido do enunciado. E a expressão ‘ponto de vista’ também seria menos metafórica pelo fato de poder ser parafraseada pela palavra ‘perspectiva’, de acordo com os dicionários Houaiss e Aurélio.

Comunicação

18. [...] esta pesquisa visa analisar as condições de uso da bicicleta [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN1)
19. [...] caso não haja uma política pública visando um transporte público eficiente [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN1)

Informática

20. Dessa forma, visa-se dar suporte aos projetistas no desenvolvimento de arquiteturas multiprocessadas [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN1)

Se compararmos as expressões dos exemplos 18, 19 e 20 – ‘visa’, ‘visando’ – com as outras expressões já discutidas neste item, percebemos que essas não são tão produtivas, sendo, portanto, menos metafóricas. É interessante ressaltar aqui que as expressões ‘visar’ e ‘visando’ são as que mais se destacam na área de Informática, não ocorrendo essa maior incidência em nenhum outro caso da metáfora ENTENDER É VER.

Em relação ao critério de parafraseabilidade, podemos considerá-las menos metafóricas, pois essas expressões poderiam ser alteradas para “ter (algo) como desígnio, ter por fim ou objetivo; propor-se”, conforme definição do Dicionário Houaiss. Na entrada ‘visar’, há a informação de que essa é uma expressão com sentido figurado, confirmando, desse modo, o caráter metafórico da expressão. Além disso, Siqueira et al. (2009) comenta que por o termo ‘visar’ ser usado, no português, quase restritamente no sentido de ‘ter por objetivo’, isso não seria mais considerado uma metáfora por estar fossilizado, sendo uma “metáfora morta”. No entanto, os autores afirmam que se levarmos em conta a alta produtividade do verbo ‘ver’, do qual ‘visar’ deriva, não teria sentido considerá-lo como uma metáfora morta.

Comunicação

21. Nas entrevistas em profundidade realizadas, o estilo de vida, sob essa ótica, fica evidente na priorização da carreira [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN7)
22. Pela visão sociológica, a moda é um fato social [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN14)

Informática

23. [...] desafiavam a visão determinística da comunidade científica da época. (TAUPUCRSAETEFFACINN3)

A respeito dos exemplos 21, 22 e 23, em relação às expressões ‘ótica’ e ‘visão’, percebemos que elas não são tão produtivas, visto que não têm tanta frequência e nem variação como as outras expressões, sendo, desse modo, menos metafóricas. Além disso, em relação ao critério de parafraseabilidade, ambas expressões podem ser parafraseadas por ‘entendimento’, o que significa que elas são menos metafóricas também neste quesito.

Assim, supondo um *continuum* de significado, em geral, as expressões linguísticas que ilustram a metáfora ENTENDER É VER, são, por um lado, altamente metafóricas por serem muito produtivas, mas, por outro, são menos metafóricas por algumas serem parafraseáveis por outras expressões mais literais. De acordo com Siqueira et al. (2009), as expressões altamente metafóricas seriam aquelas mais produtivas e as que teriam resistência a uma paráfrase literal, conforme explicitado no segundo capítulo.

B) TEORIAS SÃO X

A segunda metáfora mais recorrente foi TEORIAS SÃO X. O uso da variável X se explica pelo fato de TEORIAS serem frequentemente utilizadas como domínios-alvo na construção de metáforas no corpus. Porém, os domínios-fonte para essas metáforas podem variar, por isso o uso do X como uma variável que pode representar esses domínios-fonte.

Aqui, como na maioria dos outros casos, a Comunicação apresentou maior diversidade de expressões metafóricas relacionadas a essa metáfora e apresentou um número percentualmente menor de expressões metafóricas (13,5%) do que a Informática (14,6%). A tabela a seguir apresenta as metáforas conceptuais encontradas no corpus e a sua percentagem:

Metáforas	Comunicação	Informática
TEORIAS SÃO PRÉDIOS	60 (73,1%)	41 (100%)
TEORIAS SÃO TECIDOS	22 (26,8%)	0 (0%)

Tabela 4: Ocorrências das metáforas conceptuais TEORIAS SÃO PRÉDIOS e TEORIAS SÃO TECIDOS nas áreas da Comunicação e da Informática.

A seguir, vejamos cada uma dessas metáforas separadamente:

Comunicação

1. Ainda segundo o autor, com base nos dados de Faiz [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN1)
2. podemos construir a hipótese de que os usuários dos comentários de notícias (TAUPUCRSASAFFAMECOSN15)
3. A revisão bibliográfica foi realizada com base nas obras organizadas por Ferraz [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN3)

Informática

4. Todos os algoritmos trabalham sobre uma matriz de classificação, construída com base nos algoritmos configurados [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN2)
5. [...] acreditavam que era possível prever o futuro com base nos dados do presente [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN3)
6. O capítulo 9 é a bibliografia utilizada para a construção do trabalho. (TAUPUCRSAETEFFACINN9)
7. Enquanto as metodologias convencionais utilizam como base para estas etapas todo o escopo do projeto [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN4)

A partir dos exemplos, percebe-se que o conceito de ‘teoria’ é entendido através do domínio concreto PRÉDIOS, o qual possui características peculiares, como o fato de os prédios terem uma base que dá sustentação e sobre a qual é formada toda a sua estrutura. Se pensarmos em relação à teoria, notamos que ela também tem uma construção, nesse caso abstrata, mas que, de uma forma metafórica, tem ligação com as características de um prédio, como a ideia de uma teoria ser a base para uma pesquisa, por exemplo. Em relação aos critérios de análise de

metaforicidade, todas as expressões parecem ser produtivas, no sentido de que a metáfora TEORIAS SÃO PRÉDIOS pode ser explicitada por meio de diferentes expressões metafóricas. No que diz respeito à parafraseabilidade, nenhuma ocorrência pode ser trocada por uma palavra mais literal, sem alterar o sentido da frase. Portanto, podemos concluir que todas as expressões são altamente metafóricas também neste critério.

Comunicação

8. [...] buscamos através desta monografia tecer os fios teóricos e práticos das Relações Públicas. (TAUPUCRSASAFFAMECOSN9)
9. A Complexidade foi escolhida pelo seu caráter amplo capaz de abarcar os mais diversos fios de conhecimentos, ampliando em forma de um grande tapete de nosso saber. Mas está possibilidade de tecer os conhecimentos esta atrelada ao Princípio [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN9)
10. São grandes tecidos que precisam dos mais diversos fios para compor a peça completa que irá nortear estudos a posteriori. (TAUPUCRSASAFFAMECOSN9)

Nos exemplos 8, 9 e 10, o domínio abstrato TEORIAS é experienciado através do domínio concreto TECIDO, o que pode ser identificado por meio das expressões metafóricas em destaque, como ‘fios’, ‘tecer’, ‘tapete’, ‘peça’. Da mesma forma que um tecido é produzido, através da confecção dos fios até se chegar a uma peça de roupa completa, de maneira metafórica, uma teoria também pode ser desenvolvida desse modo, passando por etapas, até se chegar a um objetivo. Nesse sentido, esses dois domínios compartilham características que nos levam à compreensão dos enunciados apresentados. Em relação aos critérios de análise de metaforicidade, considerando, primeiramente, a produtividade da metáfora TEORIAS SÃO TECIDO, podemos afirmar que essa metáfora é altamente metafórica, já que há diferentes expressões ligadas a essa metáfora, como destacado anteriormente. No que diz respeito à parafraseabilidade, a expressão ‘tecer’, presente nos exemplos 8 e 9, pode ser considerada altamente metafórica, já que não é possível encontrar nos dicionários Houaiss e Aurélio uma expressão mais literal que possa substituí-la. Em relação às expressões ‘fios’, ‘tapetes’ e ‘peça’, a paráfrase parece ser mais difícil, visto que elas aparecem juntas nos exemplos, sendo necessária a reconstrução de toda a frase para, talvez, chegar a um sentido mais literal. Assim, consideramos essas expressões como altamente metafóricas.

Em geral, a metáfora TEORIAS SÃO X parece ser altamente metafórica, considerando os aspectos analisados anteriormente. Por mais que haja alguns aspectos menos metafóricos, a maioria das expressões é produtiva e trazem dificuldade em relação à parafraseabilidade por termos mais literais.

C) X É PRÉDIO

A terceira metáfora que teve mais ocorrências foi X É PRÉDIO. Diferentemente do item anterior, aqui a variável está no lugar do domínio-alvo, que é o domínio abstrato. Nesse caso, a Informática apresentou maior número de ocorrências, devido essa metáfora se caracterizar como técnica para a Informática. A tabela a seguir apresenta as metáforas conceptuais encontradas no corpus da Comunicação:

Metáforas	Comunicação
CARREIRA É PRÉDIO	6 (13,6%)
CULTURA É PRÉDIO	5 (11,3%)
EDUCAÇÃO É PRÉDIO	5 (11,3%)
LIVRO É PRÉDIO	6 (13,6%)
PAÍS É PRÉDIO	5 (11,3%)
ARGUMENTO É PRÉDIO	11 (25%)
COMUNICAÇÃO É PRÉDIO	6 (13,6%)

Tabela 5: Ocorrências das possíveis metáforas conceptuais derivadas de X É PRÉDIO encontradas na Comunicação.

Considerando a Tabela 8, percebe-se que o domínio-alvo X, o qual pode ser substituído por diferentes conceitos, como CARREIRA, CULTURA, EDUCAÇÃO, LIVRO, por exemplo, é experienciado através do domínio-fonte PRÉDIO. Conforme analisado no item (B), em relação à metáfora TEORIAS SÃO PRÉDIO, aqui também relacionamos as características dos prédios – um prédio é construído em uma base que dá sustentação e sobre a qual é formada toda a sua estrutura, etc. – aos conceitos abstratos, como a fundamentação de uma teoria, a sustentação de argumentos, a base cultural, por exemplo. A respeito dos critérios de metaforicidade, a metáfora

X É PRÉDIO parece ser bastante produtiva, já que seu domínio-alvo é uma variável X, podendo ser substituída por diversas expressões. Nesse sentido, podemos considerar todas as expressões como altamente metafóricas. A fim de termos uma análise mais profunda de cada uma das metáforas apresentadas acima, seguem exemplos relacionados a cada uma delas com sua devida discussão a respeito do critério de parafraseabilidade:

1. [...] neste local os Irmãos recebiam uma sólida formação humana, religiosa e pedagógica. (TAUPUCRSASAFFAMECOSN2)

No exemplo 1, a metáfora conceptual é EDUCAÇÃO É PRÉDIO. Como mencionado anteriormente, o conceito abstrato EDUCAÇÃO é compreendido através do conceito concreto PRÉDIO, relação que podemos entender como uma formação educacional, humana e religiosa bem fundamentada, como uma estrutura inabalável de um prédio. A palavra ‘sólida’, de acordo com o Dicionário Houaiss, tem sentido metafórico e significa “estável, seguro, firme, inabalável”. Desse modo, podemos considerá-la altamente metafórica.

2. Medlik e Ingram (2002, p.6) sustentam que a palavra hotel, em si, foi usada na Inglaterra com o surgimento de Londres [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN2)

No exemplo 2, a metáfora é ARGUMENTO É PRÉDIO. Nesse caso, o conceito abstrato ARGUMENTO também é compreendido através do conceito concreto PRÉDIO. Nessa relação de conceitos, entendemos que, da mesma forma que um prédio tem sua sustentação, podemos fazê-lo com os nossos argumentos para defender uma tese, uma ideia, por exemplo. A expressão em destaque, conforme entrada no Dicionário Houaiss e no Aurélio, significa “defender uma tese com argumentos, razões”. Se substituíssemos essa expressão por ‘defender’, estaríamos criando outra metáfora, qual seja: ARGUMENTO É GUERRA. Nesse sentido, percebe-se que é uma expressão altamente metafórica.

3. Transformando-se em cidadãos que construam um país melhor e mais justo para todos [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN2)

No exemplo 3, a metáfora presente é PAÍS É PRÉDIO. Como nos exemplos anteriores, aqui também o domínio-fonte PRÉDIO é experienciado pelo domínio-alvo PAÍS. Essa relação

sugere que um país pode ser construído e estruturado, de forma abstrata, como um prédio. Ao pesquisar a entrada ‘construir’ no Dicionário Houaiss, encontramos dois sentidos figurados para essa expressão: ‘organizar’ e ‘criar’. A segunda opção parece ser mais adequada para parafrasear a expressão em destaque, visto não acarretar nenhum problema à frase. Mesmo assim, continuamos tendo sentido metafórico, sendo essa expressão, portanto, altamente metafórica.

4. Com João Antônio, que construiu sua obra amparado por esses dois pilares, não foi diferente. (TAUPUCRSASAFFAMECOSN5)
5. Nesse sentido, a cultura é continuamente construída e reconstruída por meio da comunicação. (TAUPUCRSASAFFAMECOSN6)
6. Se a comunicação constrói e reconstrói a cultura, a primeira é um diferencial estratégico para a disseminação do conhecimento [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN6)
7. Para a construção de um currículo adequado é necessária a definição do perfil [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN8)

Os exemplos 4, 5, 6 e 7 se justificam da mesma forma, visto que em todos eles a expressão metafórica utilizada são formas derivadas de ‘construir’. No exemplo 4, a metáfora é LIVRO É PRÉDIO. A justificativa dessa metáfora é semelhante ao exemplo anterior, porém, aqui, entendemos o livro como um prédio, no sentido de que o autor desenvolve a sua obra, a cria, a estrutura. Diferentemente do exemplo 3, nesta ocorrência há a possibilidade de parafrasearmos a expressão ‘construir’ por ‘escrever’, que seria mais literal do que ‘criar’. Portanto, ela pode ser considerada como menos metafórica nesse quesito. No exemplo 5, a metáfora é CULTURA É PRÉDIO e também podemos compreender o domínio-alvo PRÉDIO através do domínio-fonte CULTURA. Como visto nos outros exemplos, podemos parafrasear as expressões em destaque por ‘criar’ e ‘recriar’. No exemplo 6, a metáfora presente é COMUNICAÇÃO É PRÉDIO, e as expressões destacadas também podem ser alteradas para ‘criar’ e ‘recriar’. E, no exemplo 7, a metáfora é CARREIRA É PRÉDIO, e, do mesmo modo como nos exemplos anteriores, a expressão em destaque pode ser parafraseada por ‘criar’. Assim, nota-se que essas expressões podem ser consideradas como altamente metafóricas, com exceção da metáfora LIVRO É PRÉDIO.

Diferentemente dos outros casos, aqui a Informática apresentou maior número de ocorrências, devido à expressão ‘construir’ e suas flexões se caracterizarem como termos técnicos da Informática. Desse modo, esse caso pode ser considerado como metáfora técnica, que, de acordo com Cameron (2003), conforme visto na seção 2.2.1, são metáforas familiares a um determinado grupo. Assim, seguem exemplos dessas ocorrências:

Informática

8. A interface chamada o método main, responsável por construir a tela do usuário [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN11)
9. [...] técnica usada para explorar sites da Web que constroem expressões LDAP [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN10)
10. [...] mensagens falsas são construídas e enviadas pelo invasor para um receptor [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN10)
11. [...] possui a capacidade de construir os algoritmos de classificação [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN2)
12. Assim é possível construirmos fractais, aplicando algoritmos. (TAUPUCRSAETEFFACINN3)
13. Para a realização dos testes foi construído um ambiente com os seguintes recursos computacionais [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN13)

Nos exemplos da Informática, percebemos que as expressões metafóricas em destaque podem ser substituídas por ‘criar’, sem ocasionar problemas na frase e mantendo o seu sentido. Sendo assim, elas podem ser entendidas como altamente metafóricas, já que nos dicionários utilizados essa entrada é apresentada como sentido figurado. Além disso, pode-se considerar também como uma metáfora técnica, visto que em todas as ocorrências obtidas no corpus ela tem esse caráter técnico.

Assim, supondo um *continuum* de significado, em geral, as expressões linguísticas que ilustram a metáfora X É PRÉDIO, são altamente metafóricas por serem muito produtivas e também por não serem fáceis de serem parafraseadas por termos mais literais.

D) X É SER HUMANO

A quarta metáfora mais recorrente encontrada na análise do corpus foi X É SER HUMANO. Como no item anterior, aqui a variável também está no lugar do domínio-alvo, que

é o domínio abstrato. Além disso, essa metáfora conceptual está relacionada com a personificação, que, como visto na seção 2.1, é classificada como uma metáfora ontológica, já que as entidades abstratas são caracterizadas como seres humanos. Neste caso, a Comunicação também apresentou mais variedade de expressões metafóricas, bem como um número percentualmente maior de ocorrências, o que pode ser visto na tabela a seguir:

Metáforas	Comunicação	Informática
PAÍS É SER HUMANO	3 (7,5%)	0
TRANSPORTE É SER HUMANO	1 (2,5%)	0
RUA É SER HUMANO	1 (2,5%)	0
CIDADE É SER HUMANO	9 (22,5%)	0
JORNALISMO É SER HUMANO	9 (22,5%)	0
ORGANIZAÇÕES É SER HUMANO	17 (42,5%)	2 (33,3%)
SISTEMA É SER HUMANO	0	4 (66,6%)

Tabela 6: Ocorrências das possíveis metáforas conceptuais derivadas de X É SER HUMANO encontradas na Comunicação e na Informática.

A partir das metáforas apresentadas na tabela, percebe-se que a personificação está presente, ou seja, as entidades abstratas são caracterizadas como seres humanos, por meio de expressões que demonstram aspectos que, essencialmente, estão ligados às pessoas, o que será observado por meio dos exemplos a seguir.

Como mencionado em (A), os dois critérios de análise de metaforicidade das expressões encontradas no corpus levam em consideração o domínio-fonte e o domínio-alvo a fim de se ter uma análise mais adequada aos exemplos trazidos do corpus. Assim, no que diz respeito ao critério de produtividade, nota-se que as expressões metafóricas relacionadas à metáfora X É SER HUMANO são altamente metafóricas, visto o seu domínio-alvo ser uma variável X, no sentido de que várias expressões podem ser utilizadas em seu lugar. Os exemplos do corpus apresentam expressões diferenciadas, como ‘país’, ‘cidades’, ‘ruas’, ‘jornais’, por exemplo, as quais assumem um caráter de entidade abstrata, sendo caracterizadas como seres humanos, por meio de expressões que demonstram aspectos que, essencialmente, estão ligados

às pessoas, como, por exemplo, ‘pensar’, ‘alimentar-se’, ‘viver’, ‘morrer’, ‘preocupar-se’, ‘ter timidez’, ‘ter intenção’, ‘falar’, classificando-se, assim, como personificação.

Em relação ao segundo critério, em algumas ocorrências, substituir somente o verbo/adjetivo destacados não seria suficiente para se enxergar a questão da parafraseabilidade. Para se obter mais sucesso na análise, foi preciso, também, alterar o domínio-alvo; entretanto, fazendo-se essa mudança, em muitos dos casos, a sentença toda foi alterada, modificando o seu sentido. Portanto, podemos considerar que essas expressões são altamente metafóricas. Vejamos, a seguir, cada uma delas:

Comunicação

1. [...] os anseios de um país ansioso por desenvolver-se, industrializar-se, tornar-se moderno [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN1)

No exemplo 1, se alterássemos o domínio-alvo ‘país’ por ‘povo’, haveria um conflito com o restante do enunciado, dado que o povo não pode se industrializar, acarretando, assim, uma mudança de sentido na frase.

2. [...] deslocamento ágil, seguro e “limpo”, que não emite gases poluentes quando alimentado por energia elétrica. (TAUPUCRSASAFFAMECOSN1)

Para analisar o exemplo 2, consultamos o Dicionário Houaiss, mais precisamente a entrada ‘alimentar’, e encontramos a seguinte definição: “Derivação: por extensão de sentido - abastecido, sustentado”. Se substituíssemos a palavra ‘alimentado’, no exemplo 2, por ‘abastecido’ – ‘deslocamento abastecido por energia elétrica’ –, o sentido da frase seria mantido. Podemos, portanto, considerar essa expressão como menos metafórica.

3. [...] ruas mais silenciosas e mais espaço público disponível às pessoas [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN1)

No enunciado 3, se mudássemos ‘silenciosas’ por ‘que não faz barulho’, conforme definição dos dicionário Houaiss e Aurélio, continuaríamos tendo a característica de personificação; se substituíssemos para ‘ruas sem barulho’, alteraríamos o agente da frase,

provocando, assim, uma mudança em seu sentido, não sendo, portanto, uma alteração bem-sucedida. Dessa forma, esse caso parece ser altamente metafórico.

4. [...] são fatos que não permitem às cidades viver e florescer sua beleza [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN1)

No exemplo 4, se substituíssemos o domínio-alvo CIDADES por ‘povo’, haveria um conflito de sentido no restante da frase, pois a beleza do povo e das cidades não seriam as mesmas, de acordo com o contexto de onde o enunciado foi retirado. Ao consultarmos o dicionário, uma das entradas define ‘viver’ como aproveitar (a vida) no que ela tem de melhor, porém, aqui, seriam as belezas que as cidades têm. Então, essa expressão também pode ser considerada altamente metafórica. Nesse exemplo, encontramos outra metáfora, que seria CIDADES SÃO PLANTAS, visto englobar a expressão ‘florescer’. Se substituíssemos o domínio-alvo CIDADES por ‘flores’, por exemplo, o contexto seria “perdido” e se substituíssemos ‘florescer’ por ‘desenvolver’, apresentado no dicionário como sentido figurado, continuaríamos tendo o sentido de personificação, pois a cidade não se desenvolve sozinha, continuando a frase, portanto, altamente metafórica.

5. Cidades que não pensam nos cidadãos e no seu bem-estar também não são lembradas por eles [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN1)

Nesse exemplo, se substituíssemos o domínio-alvo CIDADES por ‘povo’, por exemplo, isso acarretaria uma redundância, tendo em vista o restante da frase. Se mudássemos a expressão em destaque por ‘preocupar-se’, de acordo com um dos sentidos encontrados na entrada ‘pensar’, continuaríamos tendo o caráter de personificação. Portanto, podemos considerar essa expressão como altamente metafórica.

6. [...] pode-se reparar que a reportagem se preocupou em abordar os desdobramentos do anúncio [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN3)
7. É um tipo de jornalismo que fala em nome de grupos sem espaço na mídia tradicional [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN4)

8. A imprensa viveu um momento de glória no país da Revolução Francesa. (TAUPUCRSASAFFAMECOSN4)
9. Para Tapscott e Willians (2007), a conclusão é de que o site imutável e autônomo morreu. (TAUPUCRSASAFFAMECOSN6)

Os exemplos de 6 a 9 estão relacionados à metáfora JORNALISMO É SER HUMANO. No exemplo 6, se substituíssemos a expressão ‘reportagem’ por ‘repórteres’, por exemplo, parece que conseguiríamos manter o sentido da frase e retirar a metafóricidade que há nela. Assim, esse caso pode ser considerado menos metafórico. O exemplo 7 pode ser considerado mais metafórico, pois se substituirmos o domínio-alvo JORNALISMO por ‘jornalistas’, por exemplo, algumas características da área serão perdidas, visto que o jornalismo representa toda uma categoria e não somente um jornalista. Pensando diretamente na expressão ‘fala’, não há necessidade de substituí-la por outra palavra mais literal, tendo em vista ela já ter um sentido literal nesse contexto. No exemplo 8, a expressão ‘viveu’, de acordo com o Dicionário Houaiss, poderia ser substituído por ‘experenciar’; entretanto, o caráter de personificação continuaria presente na frase. Se alterássemos ‘imprensa’ para ‘jornalistas’ ou ‘repórteres’, por exemplo, algumas características da área seriam perdidas, como foi visto no exemplo anterior. Portanto, esse exemplo também pode ser considerado como altamente metafórico. O exemplo 10 também pode ser considerado como altamente metafórico, pois se alterássemos a palavra ‘morreu’ por ‘acabou’, como encontrado na entrada ‘morrer’ no dicionário, a personificação se manteria, visto que seria necessário um motivo externo para que isso acontecesse, e não o próprio site faria essa ação.

Informática

10. [...] o sinal de relógio é alimentado pela aplicação [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN1)
11. [...] muitas vezes, porque os dados que alimentam o sistema são oriundos de experimentos [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN3)

Nos exemplos 10 e 11, o vocábulo ‘alimentar’, nesse contexto, de acordo com o Dicionário Aurélio, é relativo à informática e significa “introduzir informações em (base de dados)”. Assim, esse caso pode ser considerado uma metáfora técnica, que, de acordo com Cameron (2003), são metáforas familiares a um determinado grupo. Houve quatro ocorrências desse tipo no corpus.

12. [...] fornecem detalhes que ajudam as organizações a pensar na abordagem a ser tomada [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN4)

O exemplo 12 também apresenta a mesma expressão metafórica do exemplo 6 e pode ser considerado menos metafórico, pois se substituíssemos ‘organizações’ por ‘empresários’, por exemplo, o sentido seria mantido e a frase se tornaria mais literal. Porém, se somente substituíssemos a expressão em destaque por ‘refletir’, de acordo com a entrada no dicionário, a personificação ainda seria mantida na frase.

De modo geral, se pensarmos num *continuum* de significado, a metáfora X É SER HUMANO pode ser considerada como altamente metafórica no critério de produtividade. Em relação à parafraseabilidade, não há um consenso sobre o seu grau de metaforicidade, visto que algumas expressões são mais metafóricas e outras são menos metafóricas.

E) ARGUMENTO É GUERRA

A sexta metáfora mais frequente no corpus foi ARGUMENTO É GUERRA, sendo somente encontrada no corpus da Comunicação. A seguir, apresentamos as suas ocorrências:

Comunicação

1. Nixon foi reeleito presidente do país, com 61% dos votos, uma esmagadora vantagem sobre o candidato democrata [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN4)
2. Além de Nixon frequentemente negar qualquer envolvimento, seus homens também faziam questão de afastar essa possibilidade, criando uma forte blindagem em torno de sua figura. (TAUPUCRSASAFFAMECOSN4)
3. [...] defensor daqueles que não têm voz na grande mídia, disposto a lutar por igualdade e justiça. (TAUPUCRSASAFFAMECOSN4)
4. [...] para defender sua tese [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN4)

Os quatro exemplos referem-se à metáfora ARGUMENTO É GUERRA, em que o conceito abstrato ARGUMENTO é experienciado pelo conceito concreto GUERRA. Esses

conceitos compartilham características, levando-nos à compreensão da metáfora, no sentido que podemos defender uma tese, lutar por uma ideia, nos proteger de alguém por meio de argumentos. Em relação à produtividade das expressões, pode-se afirmar que são altamente metafóricas, visto haver diferentes tipos e estarem relacionadas a diferentes domínios. A respeito da parafraseabilidade, todas as ocorrências são altamente metafóricas, visto não conseguirmos substituí-las por vocábulos mais literais.

F) CRIAR É NASCER

A sexta metáfora mais recorrente foi CRIAR É NASCER, podendo ser vista em ambas as áreas. No entanto, como verificado anteriormente nas outras metáforas, a Comunicação também apresentou um número percentualmente maior de ocorrências de expressões metafóricas do que a Informática. Seguem alguns exemplos dessa metáfora:

Comunicação

1. [...] as cidades nasceram, cresceram e se expandiram [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN1)
2. O autor destaca o nascimento do primeiro diário inglês, o Daily Courant, em 1702 [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN4)
3. É dessa comparação entre programa e vida real que nasce o humor deste programa. (TAUPUCRSASAFFAMECOSN10)
4. [...] a concepção de democracia, que nasce com a de criação de comunidade [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN3)
5. [...] pode-se afirmar que o Estado de Direito nasce com o constitucionalismo e com a garantia [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN3)
6. [...] uma investigação que nasceu em 2007 e se estende até hoje [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN3)
7. [...] relata que são jornais surgidos no Brasil entre 1821 e 1823, [...], com mais razão ainda nasciam impulsionados por esse espírito. (TAUPUCRSASAFFAMECOSN4)
8. Honti se dedicava a temas polêmicos, como o nascimento do Movimento dos Países Não-Alinhados [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN4)
9. Dessa experiência, nasceu o livro A selva [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN4)

10. [...] nascerem cidades como Veneza ou Trieste, com mais de cem mil habitantes. (TAUPUCRSASAFFAMECOSN11)
11. [...] dessa comparação entre programa e vida real que nasce o humor deste programa [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN10)

Informática

12. [...] e em novembro do mesmo ano nasce a Open Handset Alliance, contando com a [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN11)
13. Desta constatação nasce uma pergunta a ser respondida [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN3)
14. Deste tipo de reflexão nasceram as dimensões representadas por números [...] (TAUPUCRSAETEFFACINN3)

Na metáfora CRIAR É NASCER, o domínio abstrato CRIAR é entendido através do domínio concreto NASCER, sendo que as expressões metafóricas apresentadas tratam do surgimento de ‘perguntas’, ‘reflexões’, ‘cidades’, ‘movimentos’, por exemplo, relacionando ao nascimento do ser humano. De acordo com os dicionários utilizados, o vocábulo ‘nascer’ pode ser entendido como ‘surgir’, nesse caso. Essa substituição levaria a uma metáfora orientacional, já que ‘surgir’, no sentido literal, se refere a um movimento. Portanto, pelo critério de parafraseabilidade, essa expressão é considerada altamente metafórica. Em relação à produtividade, ela pode ser considerada como menos metafórica, visto não ter tanta variedade e nem recorrência como as outras metáforas anteriormente apresentadas.

G) Metáforas menos usuais

Este item tem como objetivo apresentar alguns exemplos de metáforas que foram consideradas complexas e que não puderam ser analisadas como os exemplos anteriores por demandarem muito contexto para compreendê-las. Esses casos foram encontrados no corpus da Comunicação, quais sejam:

1. São estes firos que compõem os tapetes dos sentimentos que os produtos, serviços e Organizações despertam em nossas mentes [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN9)

2. A imprensa não poderia ficar indiferente a esta efervescência. Enquanto os jornais de grande circulação tratavam de demonizar as manifestações de contracultura, underground, começavam a pipocar publicações alinhadas ao pensamento [...] (TAUPUCRSASAFFAMECOSN4)
3. Pena (2005) explica que a natureza do jornalismo está no medo do desconhecido. Medo que não é despertado só pela natureza, mas também pela geografia. É o mesmo temor, afirma, que motiva o envio de foguetes ao espaço e levou, na era dos descobrimentos, navegantes a abandonarem suas casas para passar meses na companhia de um oceano revolto, em simplórios e inseguros barcos de madeira. É que “o medo de não conhecer o que está além-mar é muito maior do que o medo do próprio mar” (p. 22). A simples perspectiva de não saber o se passa ao redor, aterroriza o homem. Então, por meio das informações trazidas pelo outro, ele constrói a ilusão da onipresença. Como não pode estar em vários lugares ao mesmo tempo, quer, pelo menos, acreditar que conhece o que acontece nos lugares mais distantes do universo: manda correspondentes, relatores, ou tecnologias que sejam capazes de substituir o relato humano. (TAUPUCRSASAFFAMECOSN3)

Os exemplos 1, 2 e 3 são construções complexas e diferentes das analisadas anteriormente, visto apresentarem mais do que duas ou três metáforas ao mesmo tempo e criarem, a partir de metáforas convencionais, outras metáforas para passar o que querem transmitir.

No exemplo 1, parece haver uma mistura de conceitos, como TECIDO, SENTIMENTO, ORGANIZAÇÃO, mas é difícil enxergar quais conceitos estão relacionados com quais, já que há várias metáforas ocorrendo na mesma frase. Uma forma de explicar de forma mais clara o uso dessas expressões metafóricas seriam separá-las.

A mesma complexidade ocorre na segunda ocorrência, já que precisamos de bastante contexto para entender o que é a ‘efervescência’, bem como é necessário um conhecimento histórico e relativo à área do jornalismo para se estabelecer as relações adequadas da segunda frase.

No exemplo 3, o autor cria um texto metafórico para descrever uma teoria e conceitos relacionados ao jornalismo. Ele se vale de diferentes metáforas para facilitar o seu discurso, no sentido de que ele consegue torná-lo mais concreto, já que teorias, normalmente, são bastante abstratas. Além disso, a escolha por um texto metafórico parece demonstrar a intenção do autor

de criar uma relação com o leitor, pois ele poderia ter simplesmente escolhido uma forma mais direta e objetiva para definir o jornalismo.

Acreditamos que seja possível uma análise dessas ocorrências, talvez de forma diferenciada da que foi proposta e realizada aqui neste trabalho, sendo necessário um estudo posterior dessas metáforas específicas. Mesmo assim, percebemos que os autores dos textos se valem das metáforas a fim de tornar seu texto mais acessível aos seus leitores. A partir de uma ideia abstrata, eles utilizam metáforas com o intuito de deixar o seu discurso mais concreto e visível para eles mesmos e para os seus leitores.

4.2 DISCUSSÃO DOS DADOS ANALISADOS

Considerando os dados apresentados na seção anterior, percebe-se que a Comunicação e a Informática apresentam algumas diferenças quanto à utilização de metáforas no discurso acadêmico do português. De acordo com os números apresentados nas tabelas da seção anterior, percebe-se um número percentualmente maior do uso de metáforas pela Comunicação, com exceção da metáfora X É PRÉDIO, que, por ser considerada uma metáfora técnica na área da Informática, conforme visto no item (C) da seção 4.1, teve um número percentualmente maior de ocorrências na Informática. Com base nisso, corrobora-se a hipótese geral deste trabalho, a qual sustenta que a Comunicação e a Informática abordam as metáforas de forma diferenciada. Além disso, também se corrobora a hipótese específica de que (a) a Comunicação utiliza as metáforas de forma mais frequente do que a Informática.

Por meio da análise realizada na seção anterior, também vemos que a Comunicação apresentou, de forma percentual, mais diversidade de expressões metafóricas, em relação a cada metáfora, do que a Informática, confirmando a hipótese específica de que (b) a Comunicação utiliza mais tipos diferentes de expressões metafóricas do que a Informática. A confirmação das hipóteses (a) e (b) nos leva a perceber que, mesmo dentro do discurso acadêmico, existem características específicas de áreas diferentes, como a linguagem mais técnica da Informática, por exemplo.

Mesmo o corpus sendo pequeno e específico da linguagem da graduação das áreas da Comunicação e da Informática da PUCRS, a confirmação dessas hipóteses pode contribuir para a caracterização do português brasileiro acadêmico, já que, como visto na seção 2.2.2, os estudos sobre metáforas nessa área são ainda incipientes. A partir de mais pesquisas realizadas,

não só sobre metáforas, mas sobre os diversos aspectos relacionados ao português acadêmico, poderá ser possível entendê-lo a partir de diferentes prismas e, assim, chegar a uma caracterização mais fiel e específica desse discurso.

Através da análise do corpus, mostramos a presença de diversas metáforas no discurso acadêmico do português brasileiro, indo ao encontro da afirmação de Herrmann (2013) de que as metáforas são pervasivas no discurso acadêmico. Vale ressaltar, além disso, que tal aspecto é compatível com a ideia básica da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF & JOHNSON, 1980) de que a metáfora é um fenômeno indispensável do discurso natural, perpassando diferentes domínios.

Também, percebemos que os acadêmicos se valem das metáforas para tornar seu texto mais concreto, como pode ser visto, por exemplo, no item (G), o qual apresenta metáforas complexas/criativas. O exemplo 3 desse item mostra como o autor do texto constrói seu argumento e sua visão teórica baseados em metáforas a fim de facilitar o entendimento do leitor. Como mencionam Freitas & Bezerra (2012), as metáforas podem contribuir para a interação entre autor e leitor, no sentido de que um texto abstrato, como uma teoria, pode ser explicitado de maneira mais concreta, em que autor e leitor compartilham experiências e conhecimentos comuns.

Outro fator a ser ressaltado é que a subjetividade está presente nas interpretações de cada metáfora, mas, mesmo assim, foi possível analisar as metáforas num *continuum* de significado, distinguindo-as em graus diferentes de metaforicidade. Conforme Siqueira et al. (2009), algum nível de subjetividade sempre está presente nesse tipo de investigação.

Tendo em vista uma melhor e mais aprofundada observação desse fenômeno, seria possível comparar os resultados obtidos neste trabalho com corpora de outras áreas além da Comunicação e da Informática. Também, seria interessante avaliar diferentes níveis de discurso acadêmico do português brasileiro, como o discurso da pós-graduação, atentando-se para a ocorrência desse fenômeno em dissertações e teses, por exemplo. Além disso, seria possível analisar o que foi mencionado em diferentes universidades e regiões do Brasil. Desse modo, obter-se-ia uma caracterização mais aprofundada e detalhada das metáforas no discurso acadêmico do português brasileiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar as metáforas no discurso acadêmico do português brasileiro, tendo em vista contribuir para a caracterização desse tipo de gênero, bem como para possivelmente auxiliar alunos brasileiros e estrangeiros, estes que, cada vez mais, procuram o Brasil para realizar seus estudos de graduação e de pós-graduação, como mencionado anteriormente. Para tanto, com base na Linguística Cognitiva, mais especificamente na Teoria da Metáfora Conceptual, de Lakoff & Johnson (1980), analisou-se um corpus composto por trabalhos de conclusão de curso em nível de graduação da área da Comunicação e da Informática, os quais foram publicados numa revista da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Desse modo, para embasar esta pesquisa, no segundo capítulo foi apresentado um breve panorama da Linguística Cognitiva no qual se desenvolve a Teoria da Metáfora Conceptual, na qual este trabalho se apoia. Também foram apresentadas características do discurso acadêmico e os aspectos sobre esse discurso em relação à metáfora, visto que o corpus analisado se tratava de trabalhos de conclusão de curso, bem como estudos já realizados sobre esse fenômeno nesse tipo de gênero no português brasileiro – o que mostrou que a pesquisa nessa área é ainda bastante incipiente. Além disso, no final do capítulo 2, foram apresentados aspectos sobre a Linguística de Corpus ligados à metáfora para fundamentar a metodologia do trabalho.

O terceiro capítulo destinou-se à explicação da metodologia utilizada, a qual foi a análise de 15 trabalhos de conclusão de curso de cada uma das seguintes áreas: Comunicação e Informática. A investigação das metáforas nos textos se deu a partir do MIP - *Metaphor Identification Procedure*, proposto pelo Pragglejaz Group (2007) e pelo uso do software AntConc (ANTHONY, 2014). Além disso, para ampliar a análise pelo MIP e pelo AntConc, a pesquisa a respeito do grau de metaforicidade das metáforas se baseou em dois critérios propostos por Siqueira et al. (2009), quais sejam a produtividade e a parafraseabilidade por palavras literais. Baseados nisso, buscou-se, então, identificar as metáforas, diferenciando-as em cada área analisada – Comunicação e Informática –, verificando se havia diferenças de frequências e de tipos de expressões metafóricas utilizadas, bem como analisar o grau de metaforicidade dessas expressões.

No quarto capítulo, foi realizada a análise e a discussão dos dados, considerando os objetivos acima mencionados. A partir da análise, observou-se que a hipótese geral deste

trabalho, a qual sustenta que a Comunicação e a Informática parecem abordar as metáforas de forma diferenciada, foi corroborada. Também foi visto que as duas hipóteses específicas, de que (a) a Comunicação parece utilizar as metáforas de forma mais frequente do que a Informática e de que de que (b) a Comunicação parece utilizar mais tipos diferentes de expressões metafóricas do que a Informática, também foram corroboradas. De qualquer maneira, faz-se essencial reafirmar o caráter subjetivo desta pesquisa, como já observado na seção 4.2 deste trabalho. Validam-se, portanto, as hipóteses deste trabalho, ainda que sejam necessários mais estudos teóricos e aplicados para se obter uma caracterização mais ampla do português brasileiro acadêmico, considerando diferentes áreas, níveis de linguagem e regiões, conforme aqui exposto na seção 4.2.

Espera-se que este trabalho tenha contribuído para os estudos referentes ao discurso acadêmico do português brasileiro, mais especificamente no que se refere à investigação de metáforas nesse tipo de gênero. Também ressalta-se que uma aplicação futura dos achados nesta pesquisa poderá colaborar para o ensino e aprendizagem de alunos brasileiros que buscam se aperfeiçoar na língua portuguesa, mais precisamente na área do discurso acadêmico.

Outra possível aplicação futura deste estudo diz respeito à contribuição para o ensino e aprendizagem de alunos estrangeiros que estão inseridos no meio acadêmico, cursando graduação ou pós-graduação. Como abordado na seção 2.1 deste trabalho, a cultura é um fator que está envolvido no processamento das metáforas, já que a metáfora é uma parte significativa de sistemas conceituais do cotidiano das pessoas (STEEN & GIBBS, 1999), e estas pensam e conceituam a partir de seu cotidiano. Nesse sentido, espera-se que este estudo possa contribuir também para a crescente área do Português para Fins Acadêmicos.

REFERÊNCIAS

ANTHONY, L. (2014). AntConc (Version 3.4.3) [Windows 3.4.4]. Tokyo, Japan: Waseda University. Available from <http://www.laurenceanthony.net/>

BERBER SARDINHA, T. Análise de metáfora em corpora. *Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*, Florianópolis, n. 52, p. 67-199, jan./jun, 2007a.

_____. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007b.

_____. Metaphor and Corpus Linguistics. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 329-360, 2011.

BERBER SARDINHA, Tony.; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. A Linguística de *Corpus* no Brasil. In: TAGNIN, S. e VALE, O. (eds.) *Avanços da Linguística de Corpus no Brasil*. São Paulo: Humanitas. 2008.

BIBER, D. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. *University language: a corpus-based study of spoken and written registers*. Amsterdam: John Benjamins, 2006.

BIBER, D., JOHANSSON, S., LEECH, G., CONRAD, S., & FINEGAN, E. *The Longman Grammar of Spoken and Written English*. London: Longman, 1999.

BIBER, D., Conrad, S., & Cortes, V. If you look at...: Lexical bundles in university teaching and textbooks. *Applied Linguistics*, 25(3), 2004, p.371-405.

BOERS, F. Metaphor awareness and vocabulary retention. *Applied Linguistics*. 21/4, 2000, p.553-571.

CAMERON, L. *Metaphor in educational discourse*. London: Equinox, 2003

CAVALCANTE, A. M. S. A ocorrência e o uso de metáforas na produção de artigos científicos. In: V ECAE - Encontro das Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, 2011, Natal. V ECAE - Encontro das Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, 2011.

CHARLES, M; PECORARI, D; HUNSTON, S. (ed) *Academic Writing: at the interface of corpus and discourse*. London: Continuum, 2009.

CIENKI, A.; MÜLLER, C. Metaphor, gesture, and thought. In: GIBBS, R. (ed). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

COSTA, J. C. da; STREY, C. Linguagem, Argumentos e Emoções. In: GERBASE, C. *Imaginário em Rede: comunicação, memória e tecnologia*. Porto Alehre: Sulina, 2014. p. 177-189.

DEIGNAN, A. *Metaphor and Corpus Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

DELGADO, H. O. K. *Proposta de uma Didática de Tradução de Linguagens Especializadas para Licenciados em Língua Inglesa*. Tese (Doutorado em Letras, Estudos da Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio*. v 1.0. Curitiba: Positivo, 2009.

FICHTNER, B. Metaphor and learning activity. In: *Perspectives on Activity Theory*. Yrjö Engeström, Reijo Miettinen e Raija-Leena Punamäki (eds). Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

FREITAS, V. S. ; BEZERRA, B. G. . O Papel da Metáfora em Textos Acadêmicos: o artigo científico em cena. In: Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2012, Natal. *Anais da XXIV Jornada Nacional de Estudos Linguísticos do Nordeste*. Natal: EDUFRRN, 2012.

GIANONNI, Davide Simone. Disciplinary Values in English Academic Metaphors. *Linguistica e Filologia*, p.173-191, 2009.

GIBBS, R. *The Poetics of mind: Figurative thought, language and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GIBBS, R. Metaphor and thought: The state of the art. In: GIBBS, R. (ed). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, p.3-16, 2008.

GOLDBACH, T. EL-HANI, C.N. Entre Receitas, Programas e Códigos: Metáforas e Idéias Sobre Genes na Divulgação Científica e no Contexto Escolar. *Alexandria (UFSC)*, v. 1, p. 153-189, 2008.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic*. London: Arnold, 1978.

HERRMANN, B. *Metaphor in academic discourse Linguistic forms, conceptual structures, communicative functions and cognitive representations*. PhD-Faculty of Arts, VU University Amsterdam, The Netherlands, 2013.

HOFFMANN, Lothar. Conceitos básicos da Linguística das Linguagens Especializadas. Traduzido por Maria José Bocorny Finatto. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n.17, p. 79-90, out./dez. 2004.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Version 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva. 2009.

HUANG, C. *A metáfora no texto científico de Medicina: um estudo terminológico da linguagem sobre AIDS*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

HYLAND, K. *English for academic purposes: An advanced resource book*. New York: Routledge, 2006.

HYLAND, K.; BONDI, M. (eds). *Academic Discourse Across Disciplines*. Bern: Peter Lang, 2006.

KENNEDY, J. M. Metaphor and art. In: GIBBS, R. (ed). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: A Practical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

_____. Metaphor and emotion. In: GIBBS, R. (ed). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

KRIEGER, M.G.; FINATTO, M.J.B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, M.G.; MACIEL, A.M.B.; ROCHA, J.C.C.; FINATTO, M.J.B.; BEVILACQUA, C.R. *Dicionário de Direito Ambiental: terminologia das leis do meio ambiente*. Rio de Janeiro: Lexicon. 2008.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In. A. Ortony (ed.), *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 202–251, 1993.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press. 1980

_____. Afterword, 2003. In: LAKOFF & JOHNSON (Eds.), *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press. p. 243-276, 2003.

LAKOFF, G.; M. TURNER. *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: Chicago University Press. 1989.

LITTLEMORE, J.; LOW, G. Metaphoric Competence, Second Language Learning, and Communicative Language Ability. *Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press. 2006.

LOW, G. Metaphor and education. In R. Gibbs (Ed.), *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 212-231, 2008.

MARCONI, M.A; LAKATOS, E.M. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 2010.

MARQUES, L. M. B. Metáforas: subjetividade em discurso científico. *Revista Philologus*, v. ano 13, p. 145-153, 2007.

MCCARTHY, M; O'KEEFFE, A. What are corpora and how have they evolved? In: MCCARTHY, M; O'KEEFFE, A. (Ed.). *The Routledge Handbook of Corpus Linguistics*. London: Routledge, p. 3-13, 2010.

MOLSING, K.V.; PERNA, C. L. The pronominal use of -se in Brazilian Portuguese academic writing. AMPRA, 2014

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SEMINO, E. *Metaphor in discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SEMINO, E.; STEEN, G. Metaphor in literature. In: GIBBS, R. (ed). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SIQUEIRA, M; LAMPRECHT, R.R. As metáforas primárias na aquisição da linguagem: um estudo interlinguístico. *DELTA*, 23:2, p.245-272, 2007.

SIQUEIRA, M. S. G.; ALMEIDA, G. F. ; BRANGEL, L. ; HUBERT, D.D. ; OLIVEIRA, A.F.S. Metaphor identification in a terminological dictionary. *Ibérica* (Madrid), v. 17, p. 157-174, 2009.

STEEN, G. ; GIBBS, R. Introduction. In: GIBBS, R., & STEEN, G. (Eds.) *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam: Benjamins, 1999.

STEFANOWITSCH, A. Corpus-based Approaches to Metaphor and Metonymy. In: STEFANOWITSCH, A.; GRIES, St. Th. (Ed.). *Corpus-based Approaches to Metaphor and Metonymy*. Berlin; New York: M. de Gruyter, 2006.

STEFANOWITSCH, A.; GRIES, St. Th. (Eds.). *Corpus-based approaches to metaphor and metonymy*. Berlin; New York: M. de Gruyter, 2006.

SWALES, J.M. EAP-related linguistic research: An intellectual history. In: FLOWERDEW, J; PEACOCK, M. *Research perspectives in English for academic purposes*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TAGNIN, S. Corpora: o que são e para quê servem. 2004. (Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/comet/>)

TAGNIN, S; VALE, O. A. (Orgs.). *Avanços da Linguística de Corpus no Brasil*. São Paulo: Editora Humanitas, 2008.

TEMMERMAN, R. *Towards New Ways of Terminology Description: The Sociocognitive Approach*. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

ZHAO, J. Conceptualizing English academic writing via verbal and manual metaphors. *Ibérica*, vol.17, p.119-138, 2009.

ZBIKOWSKI, L. M. Metaphor and music. In: GIBBS, R. (ed). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.